



BANDOLIM



Luiz Pistarini

BANDOLIM

Com um prefacio do DR. ALEX. MOURA

1891--1895



Edictor: M. DA SILVA VIANNA

REZENDE

Typ. do "Tymburibá"

1899

B869.1
P679
b

1976

BANDOLINI

1976

1976

1976

1976

1976

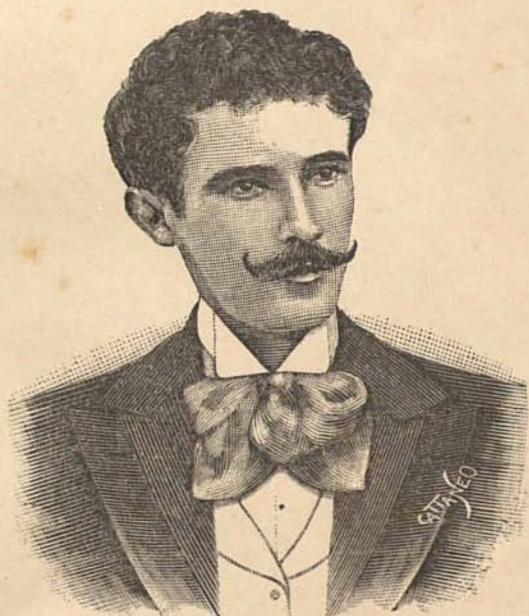
1976

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2485

do ar 1976



Luix Pistarini?

A' Memoria Veneranda

de Meus Pais

Al Memoria Venetana

de Nova Esc

DUXS PALAVRAS

Até que afinal, veio para mim, o dia outr'ora, tão desejado, de entregar ao publico o meu primeiro livro de versos. Entretanto, não é sem constrangimento que o faço; e, não fóra, para publical-o as constantes insistencias que recebo de amigos, alguns dos quaes gentilmente se offerceram para ajudar-me nas despesas — e eu, decerto, nunca mais o publicaria.

Reconstruido de memoria, em 1895, o BAMBALIM, — cujos primitivos originaes extraviaram-se, — devêra apparecer justamente nessa época, quando eu, — com 18 annos incompletos, e noivo, — nutria, sobretudo, o ardentissimo desejo de offercel-o, impresso, a minha pobre Carlota, — aquella creatura angelica que tanto e tão carinhosamente, auxiliou-me na afanosa tarefa de reconstruil-o e a quem eu tinha, então, consagrado a segunda parte, que conserva, ainda hoje, a mesma dedicatória. Mas não me foi possível.

— Dificuldades pecuniarias, falta de editores e outras mil circumstancias,

obrigaram-me, desde então, a consertal-o entre o desalinho de minha gaveta, — onde, aliás, mais seis livros, ficam ainda à espera de sua vez. Nesse lapso de tempo, me fiz esposo e pai. Hoje, que sou viuvo, porque publicar o BANDOLIM? — Carlota, em cujo amor eu encontrei a suprema gloria que almejava, já não m'o lerá, e, apenas uma partícula de sua alma. — Lúis, nossa adorada filhinha, que suavisa-me a existência amargurada, — poderá, mais tarde, quando muito, estimal-o com carinhoso affecto. Porque o publico, então? — Não o sei: talvez para cumprir ao publico uma promessa de quatro annos; talvez para satisfazer á vontade dos meus amigos.

Emfim, seja pelo que fór, o BANDOLIM ahí está; e ahí está como o encerrei em 1895: sem um retoque, sem uma alteração. Mas a magua de saber que Carlota não m'o lerá depois de impresso, é tão grande, é tão dolorosa, é tão profunda, que a critica, embora favoravel, não me poderia, de modo a'gun dissuadil-a, como não pôde, si desfavoravel, augmental-a.

Escrevi o BANDOLIM entre lagrimas e beijos; quiz, porém, o destino que entre lagrimas, apenas, fosse elle publicado!

Si grande, foi o crime, convenham, que a punição é bem mizior!

Rezende — 1899.

LUIZ PISTARINI.



ANTELOGIO

Acabo de lêr o *Bandolim*.

Não poderia Luiz Pistarini encontrar melhor nem mais justo titulo para o seu aprimorado livro de auspiciosa estréia.

Os meigos versos do poeta rezendense penetram-nos a alma, como as notas de uma musica longinqua que nos viesse morrer aos ouvidos no silencio morno de uma enluarada noite de verão.

Falta lhes o vigor musculoso das estrophes retumbantes de Hugo ou de Guerra Junqueiro; de Castro Alves ou de Luiz Murat; faltam-lhes os contornos geometricos da phrase cinzelada de Coppée ou de Gonçalves Dias, de Raymundo Corrêa, de Olavo Bilac ou de Alberto de Oliveira.

A musa de Luiz Pistarini não ostenta a magestade grandiloqua da força, mas, ao contrario, a poderosa suavidade insinuante da fraqueza; ella não tropeja sussurra; não relampadeja, scintilla; não rugé, trina.

Les Orientales, A Morte de D. João, Os Escravos e as Ondas, livros são esses, que sentimos deveriam ser lidos em voz alta que dominasse o barulhar das máquinas, o bramir longo das feras e o rugido soturno dos vagalhões que rolam...

O *Bandolim*, porém, nós o quizeramos recitar em horas quietas de reponzo e calma, e em voz tão branda e doce que nem voz humana parecesse, mas languido cicciar de leve brisa, subtilmente, roçando os lábios rubros e tremulos das rosas orvalhadas.

Não despedem estes versos os esquisitos perfumes de uma arte nova que faz tymbre de tirar á poesia o seu character de linguagem peculiar do sentimento, para transformal-a n'uma mimica extravagante de sons: nessa mimica, em que, aliás, um Olavo Bilac pôde mostrar-se, singularmente expressivo; um Raymundo Corrêa conquistar a rara gloria de conservar-se inimitavel; um Alberto de Oliveira de-entranhar-se em estrophes que se d'luem docemente em nosso espirito, com o grato sabôr dessas pêras que se desatam na bocca.

Luiz Pizarini ignora a existencia em Pariz, de certas casas, onde os proscriptos do amôr, os degradados do goso penetram, ás escondidas, arrastando as ruínas da natureza gasta, e vão esquecer-se de si, de sua velhice, na estatica contemplação dos outros, da mocidade alheia, que, ali, através de uma indiscreta parede, elles vêm, nas arrancadas viris dos desejos insofridos, a espojar-se n'um chão macio de carne, tapizado de um falgôr de seios...

E ignora tambem o auctor do *Bandolim* que a poesia moderna deve ser contemplativa como esses velhos impassiveis; poesia de eunuchos, poesia que não tenha *EU*, que não tenha alma, que não tenha sexo.

Poetas no sentir da época, são apenas os que dentro em si nada sentem; e ingenuamente acreditam que a natureza humana esteja fóra da Natureza.

Poetas já não são os que tangem a lyra com que Orpheu humanisava as feras e acordava a alma das cousas inanimadas; tal nome, hoje, só merecem aquelles, que, como Leconte de Lisle, petrificam a natureza, petrificam o homem, petrificam até o proprio Orphen!

Luiz Pizarini desconhece essa tristissima subversão da verdade, e, na sua tão poetica innocencia artistica ainda nos apresenta a poesia na feição antiga de linguagem sexual, de voz da alma partida, da meia-alma do homem, ao experimentar a necessidade de completar-se, a acre-doce necessidade que os poetas e as mulheres combinaram chamar — amôr.

E sobra-lhe, talvez, razão.

Zola define a arte, um canto da natureza, visto através de um temperamento. Não me faltasse a indispensavel competencia, e eu acreditaria poder definir

a poesia — a linguagem da natureza animada pela mulher; ou um canto da natureza, visto através de uma imagem de mulher. —

E, indubitavelmente, as estrellas só têm um brilho fóra do commum, a noite e o luar, o dia e o sol, o céo azul e os prados verdes, as flôres e as arvores, a terra e o mar, e, finalmente a natureza toda, apenas, nos parece outra, diferente da que se mostrava a nós e da que se mostra aos outros, quando uma imagem de mulher, phantasiada ou real, nos absorve inteiramente o espirito, e tudo vemos através dessa imagem, que está em toda a parte, que mêscela a sua poesia á todas as nossas sensações, a todos os nossos sentimentos e á todas as nossas ideias.

Aos olhos do homem que ama, a natureza inteira se povôa desses impalpaveis encantos que enchem o aposento vazio da mulher amada.

O amôr, e tão sómente o amôr, sabe revelar o genio: a tradiçáo casa na immortalidade e na gloria, ao nome de cada poeta immortalizado, um nome immortalizado de mulher.

Não condemneis, pois, o auctor do *Bandolin* por não haver acorrentado a sua inspiração á ingrata tarefa de debuxar o exotismo de uma arte que nos é tão apazivel como nos seria apazivel uma noite polar, si d'aqui, do meio dos tropicos, sob a luz deste sol vivificador, do alto de uma das montanhas mais oxigenadas que enrugam a face do nosso sólo luxuriante, podessemos contemplar aquella superficie de gelo, onde o homem se aniquila, como um poeta moderno, ante a natureza impassivel e fria; e nem chora ou si chora ninguem lhe vê as lagrimas, que caem, talvez, em frócos de neve, como em versos de gelo se transformam as lagrimas da poesia desuataada, que o sentimento não illumina e aquece, e que, ahí, está para attestar que somos chegados ao pólo da Arte.

Nem estranheis que no *Bandolin* não se encontrem os atavios posiços a que nos habituaram os ouvidos os barbaros rimadores, que, hoje, dominam soberanos e altivos, a cidade santa da poesia morta, a nova e perdida Jerusalem do Ideal.

Taes atavios, taes artificios, como um correctivo, que são, á falta de naturalidade, evidentemente, tornam-se incompativeis com a naturalidade quando ella existe.

Livro escripto dos 14 aos 18 annos, entre as commoções primeiras do amôr, irrompendo, flammante, da chrysalida da saudade que pungia a alma do poeta, a vagar, desde os mais verdes annos, desprotegido e só, sem pais ou mestres, pelas ruínas da orphanidade; não poderia esse livro apparecer-nos, senão ensoado em lagrimas, enxugadas, talvez, aos cantos das paredes, — unico regaço, porventura, a que fosse dado ao vate encostar a cabeça, nas horas amargas de asperas provações,

em que, de certo, lhe brotaram espontaneas aquellas sentidissimas endeixas que fecham a dedicatoria inicial:

Para vivermos como uns peregrinos
Da dôr, lançados no negrôr do olvido,
— Antes Deus nos matasse em pequeninos!
— Antes nunca tivéssemos nascido!...

e aquella acerba interrogação, tão sublime de simplicidade, do soneto *A' Minha Mãe*:

Mãe! porque foi que não morri comtigo?!

••

Entretanto não é na toada plangente da saudade que estão escriptos os melhores versos de Luiz Pistarini.

Filho de uma terra que se denomina essencialmente agricola, mas que melhor se denominaria essencialmente sensual; a sua inspiração mais vivamente electriza-se ao sol do meio-dia de Dezembro, quando, deslizando suave pela requeimada areia reluzente, a serpe venenosa da volupia, lentamente subindo, vae-se-nos enroscando pela alma inteira,

Então o *Bandolim* expira effluvios de um magnetismo estranho, e, a custo, o leitor despreza os olhos e a mão da pagina em que lêra este soneto — *Sonhando* —, que assim termina:

E ella sonha, entretanto: — A rosea bocca abrindo,
Murmura um quer que seja... Os grandes olhos húmidos
Abre, fecha-os de novo... E queda-se, sorrindo...

Mas, depois, — a chorar, n'uma anciedade louca,
Phrenética, nervosa, opprime os seios tûmidos...
E um nome de rapaz escapa-lhe da bocca!

ou aquella poesia — *No Paraizo* —, onde ha trechos como estes:

Nua, sonho-te, então: — Da cabecinha
Aos pés — formosa e nua inteiramente!
E os teus niveos contornos, linha a linha,
Beijo... E beijo-te a rûbida boquinha
De onde foge um suspiro lentamente...

Louca — me opprimes contra os tentadores
 Seios brancos de neve aprimorados!
 E eu lhes mordo, a tremer, bamba de amôres,
 — Como dois espadins provocadores,
 Os bicos apumados!

E agora quereis sentir a deliciosa frescura de uns doces carmes dignos de Heine?

— Lêde o que diz o lyrico rezendense *A' uma mulher*:

E a par dos olhos e do cabelo,
 Da bocca e seios... ai, que irrisão!
 — Tua alma é fria, mulher de gelo!
 E a par dos olhos e do cabelo...
 Como e gelado teu coração!

..

Si Alvaro Guerra, que, nas columnas do *Commercio de São Paulo*, tão alacramente festejou o merito de seu joven confrade desconhecido, deste Luiz Pistarini de quem elle lêra, alguns annos atrás, versos insuportavelmente detestaveis e máos (que teria Pistarini produzido com 13 annos de idade e 1 de collegio!) e que, de improviso se lhe deparava um poeta feito; si o distincto escriptor conhecesse *O derradeiro beijo*, *Em ruinas*, *Pallida e triste*, *Deizando o lar*, *Os cysnes*, *A' beira-mar*, *Esperando Maio*, *Fragmentos*, e tantos e tantos out:os mimos que opulentam as paginas deste livro: tamanho alvoroço não lhe causaria de certo, o *Meu casamento* bem que essa *lagrima engastada n'um sorriso*, como correctamente soube o apreciado poeta qualificar a commovente produção de seu collega, seja, em verdade, uma das mais rutilantes contas deste riquissimo rosario de lagrimas e beijos, chrysmado com o nome de *Bandolim*.

E que dirá, então, um delicado espirito de poeta desta *Mão primorosa*;

Aquella mão... Meu Deus, quando a primeira
 Vez, apertei na minha mão tremente,
 Como um lyrio nevado, aberto á beira
 De um val florido, intemerato e olente;

— Achei-a fria e trémula... Mas fria
 E mais trémula, em summa, do que a minha...
 Tremia tanto! Mas porque tremia
 Aquella mão de fada ou de rainha?

Não sei! talvez que a sua joven dona,
 N'esse instante, (criança!) suppozésse
 Que eu, dos meus labios, a levasse á tona,
 Para beijal-a como bem merece...

Mas, não tinha razões p'ra tremer tanto,
 Na minha mão, aquella mão tão pura:
 — Amo-a, idolatro-a com amôr! portanto,
 Não lhe manchára a immaculada alvura.

E essa mão de que falo, — perfumosa
 E branca flôr de lys, —
 E' do Universo a mão mais primorosa,
 E calça... letra X!

Essa é a mão primorosa da obra de Pistarini; e, nas primorosas linhas dessa mão, como uma pythoniza, a Critica hade lêr os grandes destinos reservados á excepcional vocação artística que assim se extréia.

Pena é que, aqui e ali, um descuido na elaboração da phrase, uma menos elegante traducção da ideia, umas vezes o resvalar pelo trivial, outras vezes um *quê* de exagero descabido; não poucas a volta de uma rima predilecta, a insistencia n'um assumpto preferido, tudo isso não permitta a Luiz Pistarini esconder tão completamente, como fôra de desejar, que elle tem, apenas 18 annos de idade e 4 de estudos; de estudos consigo mesmo, lendo e reflectindo, porque de collegio só teve um, — o que, felizmente, para elle, ninguém acreditará.

Como quer que seja, o *Bandolim*, é uma grande promessa; a presfiguração brilhante de um grande poeta.

Ha nessa obra o cunho de uma individualidade; e nessa individualidade o cunho de um temperamento, de uma raça e da natureza que modelou-a.

Ouve-se, ao menos, neste livro, o vagir da alma dos trópicos.

Luiz Pistarini é um poeta verdadeiro.

E' quanto basta para que eu me julgue no direito de consideal-o um verdadeiro poeta.

Ahi está, Luiz Pistarini, o que de ti e de teu livro penso e affirmo, sem a força de uma auctoridade, mas com a coragem de uma convicção.

Queres fazer disso um antelocio?

— Faze. Quer isso dizer que não precisas de antelocio.

E, na verdade, prefaciada já foi a tua obra pelos louvôres que têm merecido

as tuas poesias esparsas pelas folhas do interior e da Capital Federal; prefaciada já está pelo teu nome que os teus bellos versos se incumbiram de tornar conhecido, admirado e festejado.

O de que necessitas, pois, para atirares o teu *Bandolim* ao salso argento da publicidade, não é de um salva-vidas, que previna a possibilidade de um naufragio.

Disso não ha mister o *Bandolim* para fluctuar.

O que queres é guardar as conveniencias.

Um livro de versos sem prefacio, nas prateleiras de uma livraria, devêra provocar escandalo identico ao de um banhista, apparecendo nú na praia.

Envolve-te, pois, nesta tunica que te offereço, na sincera convicção de que,—mar ou critica,—não ha, ahí, sal bastante que dissipe as doçuras de teus versos.

1885.

Alexandre Moura.





INTRODUÇÃO



Às minhas irmãs

Maria Luiza e Julieta



DEDICATORIA

A' Mocinha e Julieta

A' vós que emfim, da minha desventura
Compartilhaes e dos meus tristes prantos,
Oh, peregrinos anjos de candura,
A' vós meus pobres e primeiros cantos!

Queridas, ha seis annos que a tyranna
Morte, o amôr puro e maternal, roubou-nos
Na mais sublime creatura humana,
Que, tão pequenos, tod'os tres deixou-nos...

E eu imagino, desde então, que abrolhos!
Quanta tortura! quanto sofrimento!
Vos inundam de lagrimas os olhos
Sem que ninguém vos possa dar alento!

Como é pesada a cruz que carregamos!
Como é dura, dos céos, esta impiedade!
— Deus, por cuja vontade, orphãos estamos,
Deus não conhece o abysmo da orphandade!...

Mas... das angustias que soffrido eu tenho,
E que, triste, conservo inda em memoria,
Não venho, agora, vos trazer, não venho,
N'este meu livro a dolorosa historia...

Basta que eu soffra-as só, basta que as soffra,
E mais ainda por vos ver soffrendo!
Pois o pranto que o rosto, emfim, me aljofra
Sulca-me a fronte e vae me envelhecendo...

Deus que os dias vos torne mais felizes,
D'este mundo, no trêdo redomoinho...
Somos, hoje, tres entes infelizes,
Tres desgraçados passaros sem ninho!

Em cantos de outrem, da amargura, as palmas,
Colho, tal como vós colheis, queridas...
Quantas leguas separam nossas almas,
Pela saudade, eternamente unidas!

E assim vamos vivendo! E assim andamos,
Dia e noite, a vagar, na escuridade...
Ah! como pesa a cruz que carregamos!
Como é dura, dos céos, esta impiedade!

Para vivermos como uns peregrinos
Da dôr, lançados no negrôr do olvido,
— Antes Deus nos matasse em pequeninos!
— Antes nunca tivessemos nascido!...

1894.



A' MINHA MÃE

*“ Pensava em ti nas horas de tristeza,
Quando estes versos pallidos compuz...”*

VARELLA.

Morta Sublime! Oh, minha Santa Morta!
Ha quanto tempo já que te pranteio!
Que o teu carinho me não mais conforta,
Nem mais me abrigas no teu casto seio!

Ah! lembro-me ainda bem! — segundo creio,
— Pequenino, — eu brincava ao pé da porta;
E, ao ver-te no caixão de flôres cheio...
Mãe! nem sonhava que estivesse morta!

Mas um dia passou... um mez... um anno...
E dois... e tres... e mais... e, oh desengano!
Nunca mais me beijou teu labio amigo!

Não te vi nunca mais! E, da orphandade,
Clamo, agora, nas trevas, com saudade:
— Mãe! porque foi que não morri contigo?...

Rio, 2 de Fevereiro de 1895.

A' CAÇA!

A' primorosa poetisa JULIA CORTINES

Laura, que, a rir, da propria vida zomba,
Festas fazendo á uma cachorra esgalga,
« A' caça! » disse. E um cão de orelha rhomba,
Pòz-se a lamber-lhe a nivea mão fidalga...

« Heide hoje, ao menos, uma bella pomba
Trazer ». E, assim, d'um salto só, cavalga
O seu mazeppa, — um marchadôr de arromba,
Que o morro, altivo, em dois minutos galga...

Cálido aroma enche o planalto anhydro...
E, embriagada de prazer, no emtanto,
Laura, uma pomba que arrulhava, atira!

Fere-a. E os seus olhos como si de vidro
Fossem, rebrilham logo após, emquanto,
Trémula, a rôla, azas batendo, expira...

OUSADIA...

Minha loira senhora, escravizado,
Eu vivo á vossa extrêma formosura ;
E aos vossos olhos, cujo olhar sagrado,
De minh'alma illumina a noite escura.

E, ah! quem me déra repousar no amado
Leito virginio de lyrial brancura,
Onde repousa o vosso perfumado
Corpo de virgem seductôra e pura!

Ahi, quizéra a vossa mão divina
Beijando... e o vosso seio... e a purpurina
Bocca... na febre insana dos desejos:

— Vêr surgir d'entre nuvens multicôres,
A alvorada sublime dos amôres,
Estrellejada de um milhão de beijos!

CÉGO

Ao Cnago M. C. de Aragão Bulcão

Sobraçando a rabeca, á tarde, quando
O sol se immerge, rúbido, no poente,
Vejo-o, triste, a esmolar, cantarolando
De porta em porta, uma canção dolente.

Cégo — jámais, á noite, alacrememente,
Poude uma estrella vêr no céu brilhando ;
Chora, por isso, chora amargamente...
E as mais das vezes a cantar... chorando !

E assim de porta em porta, macilento,
Triste, vibra nas cordas do instrumento,
A mais sublime e esplendida canção...

Canta! Mas, chega, no entretanto, a noite:
Elle não tem um tecto onde se acoite...
Sobra-lhe a fome, mas lhe falta o pão !

A PASTÔRA

A Juvencio Ferreira

Formosa e pura, encantadôra e santa,
Santa e formosa, encantadôra e pura:
— As mais mulheres, em primôr, supplanta,
Supplanta as mais mulheres em candura.

A sua voz os passaros quebranta,
Quebranta os lyrios sua doce alvura :
— Formosa e pura, encantadôra e santa,
Santa e formosa, encantadôra e pura.

E oh! quem a vira, assim, que a não amára,
Quando, contente, entre o rebanho, canta,
Canta, ao surgir da madrugada clara?!

Deus te conserve, oh, meiga creatura:
— Formosa e pura, encantadôra e santa,
Santa e formosa, encantadôra e pura!

REVIVENDO...

A Lindolpho Gomes

Abril. (Ella esqueceu-se!) — Peneirava
Chuva, e era intenso o frio que fazia,
Quando jurou que a mim sómente amava
E que, jámais, jámais me esqueceria.

Maior. — Pedi-lhe, além do juramento,
Outra prova de amôr... E em vago anseio,
Lhe abrindo ao peito o « matinée », sedento,
Beiji-lhe o curvo e pequenino seio...

Junho chegou. O frio augmenta, cresce...
No entanto a luz d'aquelle olhar tão quente,
Não mais meu triste coração aquece!

Não mais! E eu vendo o leito meu vazio,
Vivo a chorar-lhe a auzencia eternamente,
Eternamente a tiritar de frio!

EM RUINAS...

A Alberto de Oliveira

N'esta, que, em ruinas vejo, insípida palhoça,
Onde um môcho sinistro, á noite, as azas roça,
N'um funebre piar monotono e agourento
Como o fundo gemer noctambulo do vento;
— Morreu a mais formosa e pura das mulheres,
Entre lyrios gracis e jaldes malmequeres.
Era um anjo ideal, era uma pomba mansa,
Essa loira e gentil e pallida criança.
Morava mesmo aqui... Este, era o quarto d'ella...
Ai! que eterna saudade!... E's morta, minha Stella!...
Foi aqui que, da infancia, as rosas desfolhámos
E os nossos corações, entre beijos, trocámos...
Hoje tudo acabou! — Jaz em ruina, a palhoça,
Onde, um mocho sinistro, á noite, as azas roça
N'um funebre piar monotono e agourento
Como para lembrar-me, assim, cada momento
Toda aquella paixão! todo aquelle passado,
De um ditoso viver de risos enflôrado...
E és morta, minha Stella! e és morta! e és morta! e és morta!
E não me esperas mais, á tarde, n'este porta.

Agora é tudo findo! e tudo é morto agora :
— Phantasma do que foi! phantasma que apavora!...
E a triste, a abandonada, a misera palhoça,
(Tamanha dôr conter que alma existe que possa?)
O sol não doura mais!... Das estrellas de prata,
Na immensidade azul, o bando se recata,
E uma restea de luz, siquer, não proporciona
A' essa furna fatal que o tempo desmorona...
E a palhoça ahi fica, em plena soledade,
Como perdida náó, do mar, na immensidade...
Páira sobre ella a morte e a sombra de um cypreste,
E sopra-lhe de rijo o rigido nordeste!
— Ninguem a vê jamais! ninguem mais a procura...
E, no fundo negrôr da sua noite escura,
Sob a curva dos céos, cercada de eampinas,
Ella, apenas, se vê, funebremente, em ruinas,
Como um tôsko e já velho e unico jazigo
Na estúpida mudez de um sepulchrario antigo!...

1894.



A' TUDINHA PIRES

*“Esses teus dentinhos brancos
Na tua bocca mimosa,
São como gottas de leite
Dentro de um botão de rosa.”*

ZALUAR.

Teus alvos dentes, filha, em tua bocca,
São como per'las dentro de uma rosa ;
E a alma da gente chega a ficar louca,
Em contemplando cousa assim mimosa.

Deus, quando a bocca te formou, sonhàra
Um «quê» de flôr, de raro um outro «quê» ;
E deu-lhe a côr de purpura tão rara,
Que a alma, escravisa, do mortal que a vê. . .

Assim, si um dia, em teu jardim brincando,
Ouvires como que uns rumôres de aza,
Foge depressa e, para tráz olhando,
Trata, depressa de esçonder-te em casa...

Foge, são elles... foge, sim, porquanto,
São colibris que, doudos já de amôr,
Esvoaçando vêm de cada canto,
E o mel sugando vão de cada flôr...

Roubam das rosas, — um milhão de beijos!
Dos cravos, — roubam todo o doce aroma!
E, quasi morrem, loucos de desejos,
Quando, outra rosa, no rosal assôma!

Foge, pois, do jardim que te deleita;
Não, não te deixes no jardim ficar:
— Tua bocca é uma rosa tão perfeita
Que es beija-flôres podem se enganar...

Rio — 1894.



DESCUIDO CHINEZ...

Ao Dr. Augusto de Moura

— Olhos talhados á feição de amendoa,
Bocca vermelha, como o lotus, bella,
Via-a passar n'um «phaeton» leve e, em vendo-a,
Senti-me escravo dos primôres d'ella.

Ia, a cabeça em plácido abandono
No pequenino e rúbido respaldo,
Como si a houvesse acommettido o somno,
Ou si prendesse-a um sensualismo baldo...

Cedo chegára ás portas decoradas
De um palacete, em cujas platibandas,
Branços jasmims e rosas encarnadas
Enchem de arôma as gothicas varandas.

Ahi, parára o « phaeton », de surpresa...
E ajustando á cintura o ideal corpete,
Aquelle corpo erecto de chinesa
Saltou com a graça de um gentil diabrete...

Saltou... Mas, ao saltar... Bemdicta incuria!
(Punge-me ainda esta lembrança eterna!)
Deixou-me vêr tomado de luxuria,
Toda a divina perfeição da perna...

Calçava... (e nem siquer tal minudencia,
Poude escapar á minha grande ástucia!)
Bota, que, d'Arte, revelava a essencia:
— Bico de couro e cano de pellucia!

1895.



J

IMITAÇÃO

A Clódomiro Maia

I

Tanto era bella, que a mais bella estrella
Que refulgisse, do infinito, á face,
— Certo, perdêra toda a luz, ao vel-a,
Si ella, aos seus olhos, tímida, passasse...

II

E era tão meiga, que a ave mais bisonha
Que, na floresta, um canto modulasse,
— Calára e, certo, muito mais tristonha,
Si ella, ante ás aves, trémula, falasse...

III

E era tão triste, que, si alfim, do galho,
Morta, uma flôr, ai, misera! tombasse,
— Pedir-lhe-ia, os prantos, como orvalho,
Si ella, ante ás flôres, pallida, chorasse...

TRES CARROS

A Lafayette Silva

A' casa de uma tísica, em tres mezes,
Tres carros foram que depois seguiram...
Um foi alegre! — Mas nas outras vezes,
Com que tristura os outros dois partiram!

O primeiro: — Um « coupé », Cortinas todas
Branças... De branco, d'entro d'elle, esguia,
Pallida e bella para as suas bodas,
— Rumo da Egreja, a tísica seguia...

Um mez depois, de sua casa ainda,
Novo carro partira... E, lacrimento,
N'elle ia o padre que, com magua infinda,
Fôra levar-lhe a Uncção do Sacramento...

O terceiro, porém, de sua porta,
No mez seguinte, em funeral, sahia:
— Esse, levando-a, — para sempre morta.
Morta a levava — para sempre fria...

1895,

ILKA

*Aos corações angustiosos de Jayme e de
Santinha, — esta página de consolo.*

Quando ella foi, — rumo do Empyrio, espiando,
Os aninhos, do Azul, por uma fresta,
Gritaram, rindo: — «Pae! que flôr é esta
Que ao nosso gremio vem se unir cantando?» —

E ella, nas mãos, dois corações mostrando:
— «Sou eu, — diz — eu, que a magua mais funesta,
Deixei no lar que, ha pouco enchi de festa,
Mas onde, agora, estão meus Paes chorando.» —

— «Que, pois, quereis?» — Dos céos, a porta abrindo,
Deus a interroga. — A Virgem Mãe, sorrindo,
Beija-a nos olhos onde o pranto brilha! —

— « Pouco, Senhor! — Ilka responde, — apenas,
Quero, que, ao mundo, envieis consolo ás penas
Dos que, no mundo, me chamaram filha.» —

O CORAÇÃO

(H. Heine)

Amada, a mão que adoro, a jaspelina
Mão que eu beijo e me espanca e me domina,
Põe no meu peito e presta-lhe attenção :

— Não ouves, por ventura, umas pancadas,
Nesse carcere horrível e agoureiro?
— Vive ahí, dentro d'elle, um carpinteiro
Que me prepara o funebre caixão.

Perdi, de ha muito, o somno e, em prantos, vélo,
Porque o soturno e lugubre martélo,
Se hade, afinal, constantemente, ouvir...

E oh! que trabalho estúpido e moroso!
Anda lesto com isso, carpinteiro!
Tenho prèssa, anda, mestre! anda ligeiro,
Para que eu possa, de uma vez, dormir!

IMPIEDADE SEM NOME!

Que mal te fiz, para que sem piedade,
Me maltrates, assim, te maltratando,
Tu, que és o só! que a minha mocidade
Doura, os meus sonhos juvenis dourando?!

Deslisa, agora, o triste mez de Agosto,
— Mez em que, á tarde, o céu é côr de chumbo! —
E em te não vendo a pallidez do rosto,
Eu, que, de tédio, neste mez succumbo;
Santa! — padeço e morro de desejos...
Santa! — enlouqueço e morro de pezares,
— Porque me falta o fogo dos teus beijos...
— Porque me falta a luz dos teus olhares!

Que mal, porém, te fiz? dize! que magua
Causei-te, fala! p'ra que assim te esquives,
Tu, que em meus olhos arrasados d'agua,
Tal como Christo na Eucharistia, vives?!

Não tenho, acaso, alimentado a funda
Paixão que nutres te correspondendo?
— Ah! eu maldigo este, que o olhar me inunda,
Pranto, que vivo, pallido vertendo...
Para a cruz carregar que ora carrego,
E aturdir-me no inferno em que me « aturdo »,
— Antes nunca eu te visse e fosse cego!
— Antes nunca eu te ouvisse e fosse surdo!

Em te não vendo nunca, emfim, de certo,
A dôr de te não vêr, desta maneira,
Me não pungira, — d'este meu deserto,
Oh! carinhosa e esguia tamareira!

E antes nunca eu te ouvisse! — Em não te ouvindo,
Que me importava o não te ouvir? — No entanto,
Porque te ouvi e hoje não te ouço, é infindo
E atro o pezar que, assim, me punge tanto...
— A tua voz, como um som vago de harpa,
A alma encantou-me quando, o intenso dardo
Dos teus olhos azues, — como uma farpa,
Fundo, ferio-me o coração de bardo...

E hoje, com que odio, para mim, levantas
O olhar celeste, o olhar piedoso e mudo,
Tu, que nas faces, o pallôr das Santas
Tens e, das Santas, tens o todo em tudo!...

CARTA A' D. STELLA

Ao poeta das "Íntimas"

Permitti-me, formosa D. Stella,
Vos enderece a epistola presente,
* Cujo conteúdo ao publico, revéla
Vossos amôres indiscretamente, . . .

Si me atrevo a eserever-vos, si me atrevo,
Um conselho, a vos dar, é que estou vendo
Um bello amigo, (a quem devéras devo)
Por vossa causa, triste, padecendo.

Ao caso, pois: — Vosso poeta, aquelle
Que ha traduzido com ternura, em verso,
O amôr que, aliás, cabendo dentro d'elle,
Caber não pôde dentro do Universo ;

— Com tal paixão vos ama e vos adora
Que ainda hoje guarda (e, oh, Deus, com que recato!)
Esse, que, sempre, quando fita, chora,
Vosso formoso e lyrical retrato.

N'um bello cofre, entre as emmurhecidas
Flôres que, a rir, outr'ora, lhe offertastes,
Tambem conserva junto ás mais queridas
Cartas, as cartas que lhe endereçastes.

E, ah! com que amôr e com que desvelado
Carinho, o labio d'elle n'ellas pouosa,
Na mesma alcova, em que vos teve ao lado,
Como uma doce e carinhosa esposa!...

Hoje, entretanto, após tantas blandicias
E tanto amôr e tanto affecto e tantos
Beijos de fogo, — a esmola das caricias,
Negaes ao triste que, por vós, em prantos,

Vive mil dôres infernaes soffrendo,
Da treda magua na masmorra escura :
— A ventura passada bemdizendo,
Maldizendo a presente desventura.

Voltae, portanto ao vosso primitivo
Ninho de amor, ao ninho azul e quente,
Onde, captiva de um fiel captivo,
— Beijos trocando, simultaneamente,—

Feliz, vivestes, D. Stella, ao lado
D'elle que, alegre, ao vosso lado estando,
Tinha um consolo,— o vosso olhar sagrado;
E um só desejo, que era, — em se casando...

No interior de uma alcova, após esse acto,
O vosso corpo alabastral cingindo :
Beijar, de vossa bocca o rubro cacto,
E, — «és minha... até que emfim !...» — dizer sorrindo...



NO TRONCO DE UMA FIGUEIRA

A J. Paixão

Esta a figueira, á cuja sombra, outr'ora,
Da nossa infancia, os dias bons, passámos,
Ora caçando borboletas, — ora
Laços armando aos tiês e aos gaturamos...

E crescemos aqui. — Sob estes ramos,
Certa vez... Certa vez... Raiava a aurora...
Fallei. Calou... Pedi. Deixou... Peccámos...
E eu fui senhor dessa gentil senhora !

Parti depois... E ella morreu. No emtanto,
Revejo, agora, arrependido e, em pranto,
Nesta figueira os versos que gravei,

Marcando, alegre, o sitio bemfazejo,
Onde ella deu-me a Extrema-Unção do beijo,
Onde eu, do beijo, a Extrema-Unção lhe dei!

ZAIRA E O SOL

A Dermeval da Fonseca

Zaira, a filha ideal da branca Italia,
Quando, no parque, á luz do sol scintilla,
Lembra não sei que mysteriosa dhalia,
Cheia do orvalho que a manhã distilla...

Quasi que ao Sol offusca! E, em represalia,
O Sol sobre ella, a rútila pupilla,
Mais abre... mais... Ella, porém, tranquilla,
Segue batendo o salto da sandalia...

Depois, vendo-o, que, alfim, mais brutaimente,
Dardeja, agora, como um grande sabre,
Para offendel-a, propositalmente;

Zaira, que ao Sol, vaidosa, não se humilha,
Como em defesa, entre risótas, abre
A rendada sombrinha de escumilha!

DEIXANDO O LAR...

A Arthur Azevedo

Cheio da dôr que o coração me espanca,
— Banhado em pranto, vou, caminho em fóra,
Dizendo adeus á casinhola branca
Que foi meu berço, e que abandono agora.

Ai! quem do peito, este pezar me arranca?!
— Minh'alma, em cujo seio, a Tréva móra,
De magua, cheia, o coração me tranca,
N'essa, da Magua, noite que apavóra...

Adeus! Adeus, meu primitivo abrigo!
Não mais, d'essas janellas, no pos'igo,
Tu me verás regando as minhas flôres,

— Essas, que agora, para o meu desterro,
Levo commigo, acompanhando o enterro
Das minhas crenças e dos meus amôres...

MORTA RISONHA

A Affonso Cruz

Ai! descorada como a estrella d'Alva,
Fria de neve, inanimada e fria,
— Mãos sobre o peito e rescendendo á malva,
No bello esquife, muito bella eu vi-a.

Sempre os meus prantos, com sorrisos salva!
— Viva, sorriu-me e, — morta me sorria:
Pallida, ai! branca como a estrella d'Alva,
Fria de neve, inanimada e fria...

Morta feliz, infelizmente morta!
— Como uma folha de setinea malva,
Tombou sem vida... Deus o quiz... qu'importa?!

— Viva não era desde que eu perdi-a:
Pallida, ai! branca como a estrella d'Alva,
Fria de neve, inanimada... fria...

ANTES DE UM BAILE

(Fragmentos de uma carta)

Minha bôa Laurita :

A garra atrás e adunca

Da magua, o coração me despedaça o trunca.

— Penso que vaes ao baile... E quando tu te fôres,
Meu Deus! como não me hão de estrangular as dôres
Que o ciúme provoca e este amôr que te tenho,
Puro como o luar! pesado como o Lenho?!

E vaes, e eu fico! é certo. — A noite, divertida,
Has de passar, sorrindo e dansando, querida,
Emquanto eu, triste e só, no conchêgo do leito,
Tendo n'alma um inferno e outro inferno no peito;
Heide chorar, chorar, chorar amargamente,
Porque tenho ciúme e te amo ardentemente!...

.....

Ah! mas não! não irás, Laurita! por quem és!
Pelo pranto de dôr que eu derramo a teus pés!
Por mim! por ti! por nós! ou pelo nosso amôr!
Pelo nosso destino ou pela minha dôr

.....

Ai, sim! por nossas Mães que nós tanto adorámos!
Por esse Deus, enfim, que ambos idolatramos!
Pela Estrella do Bem que, no Zimborio, brilha!
— Esposa! Mãe! Irmã! Amada! Noiva! Filha!
Eu te peço: não vás... porque, si tu te fôres,
Eu morrerei de magua! eu morrei de dôres!...

.....

E ah! não queiras matar-me, archanjo! Eu soffro tanto!
E este amôr que te voto é tão leal... tão santo...
— Grande, como Jezus no Golgotha tyranno!
Extenso como o Azul! profundo como o Oceano!

.....

Olha. Escuta: — Eu jurei que, si ao baile, tu fosses,
E outro, ganhar lograsse, os teus sorrisos doces,
— Sorrisos que são meus! — te enlaçando o corpinho,
Como um monstro agarrado ao corpo de um anginho,
A valsar... a rodar... n'um desespero doudo!
Este amôr que te vóto, eu o esquecêra todo...
Depois que me importava o morrer sem conforto,
Si, tudo o que entre nós havia, estava morto?!

.....

E eu morrerei, querida! e eu morrerei, amada!
Pois, a jura que fiz, Laurita, é tão sagrada,
Que a não posso quebrar nem tão pouco esquecel-a:
— Jurei por minha Mãe... Attende, minha estrella!
Attende, de minh'alma, a supplica dorida,
Vida do meu amôr! amôr de minha vida!

.....

— Bem pôdes deixar de ir!... Pôdes, no entanto queres
Proceder, como alfim, procedem as mulheres :

— Dansar, sorrir, folgar!... E, o misero que te ama,
Que chore e que soluçe e gema e grite e brama !

E o amôr que me tem, a ti, trazido preso,
Pagas com esse desdem! pagas com esse desprezo!

— O mundo é mesmo assim... Que insondavel mysterio
Nos transforma o céu da alma em chão de cemiterio!
Ôh! o amôr da mulher! Que eterno e doudo arcano
Que nos leva, a embalar, do engano ao desengano!

.....

... E por ti sacrificio a minha vida inteira!
Todo o mau sangue, flôr! oh, todo, — A derradeira
Lagrima só por ti, eu vertêra, sorrindo...
E este amôr que te vóto, intensamente, é infindo.

.....

Mas, si fôres ao baile... oh! eterna maldição!
— Fala mais baixo, amôr! mais baixo, coração!

.....

Sim! si fôres ao baile, e, si lá tu dansares,
Não me pôdes ouvir, mas eu quero que vejas
O verso em que te digo, a morrer de pezares:
— Maldita sejas tu, mulher! maldita sejas!



O DERRADEIRO BEIJO

Ao Dr. José Domingues

O beijo que eu lhe dei, si lhe não dêsse,
E a rosea bocca si eu lhe não beijasse,
Talvez meu coração se não rallasse.
Nem padecesse a dôr que ora padece.

Talvez, que ella, melhor do que parece,
Mais amavel e meiga se mostrasse,
Si em vez da bocca, eu lhe beijára a face,
E o rijo seio onde o desejo cresce...

O beijo que eu lhe dei... oh! si ella visse
Com que ardôr, dos meus labios despregou-se;
Com que ternura eu dei-lh'o, si sentisse...

Talvez se não zangasse qual zangou-se,
E talvez, afinal, nunca pedisse
Que aquelle beijo o derradeiro fosse!

PALLIDA E TRISTE

Imitação da "Clara e Bella" de Raymundo Corrêa

N'um florido batel, sobre as crispadas
Aguas do mar, que, estrebuchando, estoura,
Vão dois amantes joviaes, seguindo...

— Ella, de pranto, as faces maceradas,
Leva; e, elle, a rir, a cabecinha loura,
Beija-lhe e affaga com amor... Surgindo,

Pallida e triste, a lua, merencorea,
Vem, medrosa, entre os ramos, espreitando...
Dormem no espaço, os anjos, socegados...

E elle murmura: — «Conta-me essa historia,
Porque te vejo sempre assim scismando.» —
E ella, entreabrindo os labios nacarados:

— « Escuta-me: teu beijo... (e luz estranha
Ilumina-lhe os olhos rasos d'agua)
E' dulçoroso e bom; mas, no entretanto,

Nada, em perfidia, a um desses beijos ganha...
Dei-te meu corpo... E agora ? — A eterna m'agua
Dêste-me em troca... » — E elle, desfeito em pranto :

— « Desgraçado que eu sou ! » — Mas, loucamente,
Cingindo-a aos braços, vê, como quem sonha,
Rebrilhar o perdão nos olhos d'ella...

De novo a illude... E o mar, em tom plangente,
Soluça, enquanto, — pallida e tristonha,
A lua espiende na azulada umbella !

1895.



VILLANÇETE

A Juvenal de Sá

Choraes, porque não sois rica ;
Mas, quem tem minha senhora,
Tamanha graça, não chora.

VOLTAS

Quereis, acaso, condessa,
Mais rico e fulvo thesouro,
Que essa adoravel cabeça,
Que esse cabelo tão louro ?
Não sois, acaso, tão pura ?
Gemea irmã, não sois d'aurora ?
Choraes ! — Quem tem, por ventura,
Tamanha graça, lá chora ?!

Vossas risadas são como
Uns trinos de ave mimosa ;
Vosso peito — um rijo pomo...
E a vossa bocca — uma rosa.
Choraes ainda !— No emtanto,
Eu creio, linda senhora,
Que, quem tem primôr, ai, tanto !
E tanta graça, não chora.

Não chora quem é tão bella,
Como o sois, minha princeza ;
Nem quem calça uma chinella
Feita p'ra um pé de chineza...
Tendes a trança tão loura,
Tanta gente vos adora,
Que eu penso, que a possuidora
De graça tal, nunca chora.

1895.



BALLADILHA

A Alfredo Sodré

Eu vivo triste, meditando
Na tua negra ingratidão...
E sei que tu, — vives cantando,
A torturar-me o cora o !
Mas, si por tanta d r passando
Me v s, e atreves-te, a cantar,
Porque heide eu só viver chorando,
Sempre fiel, sempre a te amar ?!

Bem sei, não sentes me lembrando,
Nem a menor satisfa o...
E d s, após, em me olvidando,
A's gargalhadas expansão !
No entanto eu, triste, vegetando
Longe de ti, sempre a pensar,
Vivo esta magua supportando,
Porque não deixo de te amar !

Não me procuras... e, zombando
Deste amor, desta paixão,
Si, acaso, eu busco-te, o olhar, brando,
Volves, ingrata! para o chão!
E eu, tristemente, em não fitando,
O céu azul do teu olhar,
Quasi endoudeço, blasphemando
Contra mim proprio por te amar!...

E as mãos, aos ceus, alevantando,
Cheio de dôr e de pezar,
A morte, a Deus, vivo implorando,
Mulher de bronze, — por te amar!

Rio — 1895.



OLHOS AMARELLOS

A Felix Boczyuva

Esses, que adoro, grandes a amarellos
Olhos que vivem, de volúpia, em áscua,
São teus! são teus! e esses teus olhos bellos,
Têm o fulgor de um festival da paschoa...

Em me fitando o teu olhar tigrino,
Tigrino olhar que, omnimodo, me mata,
Cercado fico de um clarão divino,
Que tanto póde o teu olhar, ingrata !

Rara, é, porém, a vez, que esses teus olhos,
Pões nos meus olhos por alguns instantes,
Porque (fallemos, Ruth, sem refolhos!)
Dois só não chegam para dez amantes.

E no entretanto, refulgentes, puros
P'ra o meu contento (como o dizes) traze-os,
No alvo engaste das palpebras seguros,
Como dois grandes, rútilos topázios !

BASTA!

A Albérico Lobo

Eu não quero saber si fui amado!

— Fosse ou não fosse, muito pouco importa:
Porque heide erguer das cinzas do passado,
Tal esperança, para sempre — morta?!

— A mim, Senhora, era um dever sagrado;
Amar-vos muito, o que hoje me conforta;
Pois, quando um dia, eu, de soffrer cançado,
Fui, chorando, bater á vossa porta,

— Me recebestes com ternura e affagos...
Em mil juras de amôr, vós vos perdestes,
Perdi-me: — estamos, igualmente, pagos,

Para sempre, de vós, meu ser se afasta...
— Si não cumpristes o que promettestes,
Outra me adora e me idolatra... basta!

A' BEIRA MAR

A Julio Cr. da Silva

Hora crepuscular... Soturna e mansamente,
Soluça a Ave-Maria, o velho campanario,
Paira em tudo a tristura intérrima, plangente,
Do sólo secular de um vasto sepulchrario...

Em bandada gazil, voando, os passarinhos
Passam, quasi a roçar no azul, as lindas azas ;
E muitos vão poisar, talvez, longe dos ninhos,
Nos antigos beirae das velharentas casas...

A noite vem descendo além... De uma colina,
Por detraz o luar, somnambulo, desponta ;
E uma garça, ao sentir-lhe a luz clara e divina,
Vibra as azas de neve e, altiva, ao céo remonta...

Que de estrellas no azul!... Como que envolto em maguas,
Regouga o velho mar, em fundos estertôres ;
E, singrando o lençol encrespado das aguas,
Vão n'um tóso batel, cantando, uns pescadôres...

SEPULCHRO DOS BEIJOS

A Victor Vianna

Bocca de rosa, pequena bocca
Rubra, tão rubra como as cerejas;
Tu, que, minh'alma, de crenças ôca,
 Puzeste louca,
Porque motivo não mais me beijas ?

São os teus osc'los de arômas cheios,
— Cheios de arômas doces e varios, —
Tão sonorosos como os gorgeios,
 Como os papeios
Dos gaturamos e dos canarios !

Quando te vejo rubra e flammante
— Flammante e rubra rosa se abrindo, —
Minh'alma escuta, de amôr, ovante,
 Longe, distante,
Deus murmurar-lhe do azul infindo :

— « Essa que adoras, bocca mimosa
Que ri-se e foge dos teus desejos,
Beija-a ! talhei-a, crê, primorosa,
 Breve e cheirosa,
Como um sepulchro para os teus beijos ! » —

MANIA

A B. Lopes

Lys, que a mania, ha muito tem, da caça,
Mal no horisonte, o loiro sol desponta,
Por minha porta, galhifeira, passa
E isto (mil vezes já contado) conta :

— « A caça é a vida. Embora o dia turvo
Seja, — qu'importa? — embora o sol me escale,
E me requieme o seio eburneo e curvo,
E torne russo o meu cabelo jalde ;

— Tu me verás, como me ver, costumás,
Dos verdes campos, sobre as verdes sarças,
Tendo a meu lado, ensanguentadas plumas
De pomhas mortas e feridas garças ! » —

Diz ; e, dos cães, ativa, á retaguarda,
— Gorro vermelho na cabeça, á turca,
Segue empunhando a rústica espingarda,
Com que, de sangue, o florestal conspurca...

Segue... e, no andar aligero de corça,
— Nervoso andar que os nervos meus inferna, —
Mostra, aos que vêm-n'a, ao penetrar na sorça,
Menos que a cõxa, pouco mais que a perna...

Mas, isso as faces lhe não ruboreja...
Por gosto o faz, pois já no amôr se adéstra;
E, neste mundo, apenas ser, deseja :
— Mestra no amor, como é na caça — mestra.

E se esquecendo dos que, tal belleza,
De certo viram, com prazer, de certo...
Ella percorre a tropical devêza,
Como um rapaz, galhardamente esperto!...

Depois, voltando, — á flôr do labio morno,
Castos sorrisos joviaes, fidalgos, —
Tráz o mosquete a tiracóllo e, em torno
De si, ladrando, o pelotão dos galgos...

Aves tráz sempre. Mas, si por acaso,
Deixa, afinal, um dia, de trazel-as,
A estrella põe, que a conduzira, á raso,
Tal como põe todas as mais estrellas...

Chora, escabuja... Ah! mas, depois... (Tem graça!)
Mal, no outro dia, o loiro sol desponta,
Por minha porta, ella, de novo, passa,
E... a mesma historia, novamente, conta;

— « A caça é a vida. Embora o dia turvo
Seja — qu'importa? — embora o sol me escale
E me requeme o seio eburneo e curvo,
E torne russo o meu cabelo jalde;

— Tu me verás, como me vêr, costumas,
Dos verdes campos, sobre as verdes sarças,
Tendo, a meu lado, ensanguentadas plumas
De pombas mortas e feridas garças! » —

1895.





TRECHO LYRICO



A' Minha Noiva

Os versos que ahí vão,
Lançados hoje ao vento,
Fel-os o sentimento,
Disse-os o coração.

Felinto de Almeida — LYRICA.

Homens de bronze! Um haverá de tantos,
Talvez um só, que esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento destes cantos.

Olavo Bilac. — VIA LACTEA.



OUVE-ME:

~~~~~

A tí, cuja imagem lyrica e vaporosa não me abandona um instante na estrada aspérrima da vida, cantando na minha voz, chorando nas minhas lagrimas.—estes versos pallidos dedico. Aceita-os, minha querida; aceita-os e dá-lhes abrigo no concheço tépido e carinhoso do teu seio ebarneo e delicado, para que elles, ah!, repousem, como um punhado de aljofares no pequenino coração de uma flôr...

E ahi tens o meu livro.

A' noite, quando

A lua, — eterna opala alcandorada, —  
Fôr, sobre este hemysphério derramando,  
— Como um jorro de prata, — a luz nevada;

Entra, de manso, a alcova pequenina  
Onde dormes e, a sós, á luz tremente  
De uma pequena e lactea lamparina,  
Vae o lendo e o relendo attentamente...

Veras o quanto te amo, o que padeço  
E o que de amôr existe nestes cantos,  
— Cantos antigos que hoje te offereço,  
Por entre beijos e por entre prantos!

E, no outro dia, quando o sol nascente  
Fôr despertar-te no virgíneo leito,  
Aconchegando-o, após, nervosamente,  
A' rosea curva do teu roseo peito,

Dirás: — « Como esta noite, commovida  
Passei! Tenho as olheiras como um goivo  
Rôxas! E, ai! como não fiquei sentida  
Relendo os versos de meu pobre noivo! — »

Dirás... E, assim, sahindo do aposento,  
Si os versos meus levars em memoria,  
Das glorias todas, de que sou sedento,  
Essa, é decerto, a verdadeira gloria.

Rio de Janeiro, — 1895.



## MEU CASAMENTO

A meu tio José Antonio da Silva

« Primavera. Um sorriso aberto em tudo... »

*Olavo Bilac.*

Eu imagino assim meu casamento :

— Maio. Um sorriso em tudo... A nossa casa  
Em festa... E, lá, — no azul do firmamento,  
Morrendo o sol que a natureza abraza... }

Vamos, caminho da Capella. — Adiante,  
Pisando sobre flôres e ramagens,  
Ella, de braço com o padrinho, ovante,  
Segue envolvida em nupcias roupagens.

E eu, mais atraz exuberantemente,  
Mostrando em rosto uma alegria franca,  
Diviso, emfim! com que anciedade ingente!  
Lá, muito ao longe, a Capelinha branca!

E penetramos nella... E satisfeitos,  
Pouco tempo depois, de braço dado,  
Eis-nos de volta, recebendo os preitos  
Do povo, e as graças de um feliz noivado...

Após, chegando á nossa casa, perto  
Lógo da porta, — entre áulicos rumôres, —  
Sobre nós ambos jogarão, por certo,  
Uma chuva de pétalos de flôres...

Mas, quando á noite, pelas adornadas  
Salas, dansarem todos jubilosos,  
— Nós choraremos nossas Mães, coitadas!  
Que, — mortas — não nos vêm tão venturosos!...

1895.



## OS CYSNES

A Arthur Cortines

Branco como o luar, alegremente,  
De um lago, á flôr das aguas scintillantes,  
Vão dois cysnes nadando, mansamente,  
Como dois bellos, joviaes amantes...

E no limpido espelho da corrente,  
Do loiro sol, os raios flammejantes  
Miram-se, dando ao panorama ingente,  
Traços mais vivos, còres mais brilhantes.

E os cysnes singram, brandamente, as aguas...  
Penso: — amanhã, logo ao romper d'aurora,  
Livres, emfim, das que nos pungem, maguas,

Do mar, no banho, nos encontraremos;  
E, tranquilllos, nadando, mar em fóra,  
Como dois cysnes, mansamente, iremos...

## INTIMO

Bella, por mim, si vejo-te passando,  
Tudo me esquece por estar te vendo :  
— Sinto o Prazer, no coração cantando,  
E a Magua, emfim, no coração, morrendo...

Passas... E, alegre, vou te acompanhando  
Pelos logares por que vaes correndo...  
E ao ver-te longe, minha flôr, — chorando,  
Triste suspiro, sem querer, desprendo...

Voltas depois, formosamente rindo...  
Voltas depois, e o meu pezar te escondo,  
N'um riso franco de prazer profundo!

Ficas. . E eu, louco, immerso em goso infindo,  
Grande, — aos teus pés, o coração depondo,  
Sinto a mais grata sensação do mundo!

## DOLOROSA

A Antonio Marques

*''Como nós somos desgraçados, filha !''*

GONÇALVES CRESPO.

E's da minh'alma, a pallida consorte ;  
E eu sou, da Magua, um triste paladino ;  
— Deus deu-te a sorte, — igual a minha sorte,  
Deu-me o destino, — igual ao teu destino.

— Orphãos, não temos nem um seio ardente  
Que nos anime e faça amar o mundo,  
Por onde andamos sob o peso ingente  
Da cruz fatal do soffrimento fundo...

Não mais, do amôr Materno, a luz querida,  
Para nós ambos, no Universo, brilha...  
E assim, soffrendo dôr jamais soffrida,  
Que vida triste que vivemos, filha!

Anjo entre os anjos, — o meu mais dilecto!  
Pomba entre as pombas, — a mais casta e mansa!  
— Nunca me falte o teu sagrado affecto!  
— Nunca te falte o meu amôr, criança!

S. Paulo — 1893.



## DE JOELHOS...

A Armando Monteiro

De pranto, os olhos marejados, trago,  
Cego de dôr e de loucura cego...  
Mas, se te vejo, corajoso, esmago  
Toda esta angustia, que a soffrer, carrego!

Amo-te e, a ti, minha existencia légo,  
Porque a acalentas com teu riso mago;  
E o desditoso coração te entrego,  
Revolto e calmo como o oceano e um lago...

Nada, no mundo, como a ti, bemdigo...  
Nada, me encanta, como encantas... Lógo,  
Justo é não sejas, flôr, o meu verdugo!

Dá-me, portanto, o desejado abrigo,  
Que,— de joelhos, a chorar, te rogo,  
Da magua eterna sob o eterno jugo!

## DIVA SUPREMA

A Narcizo de Carvalho

Foi na Casa de Deus que a — vez primeira, — altiva  
Scismadora e de pé, garbosamente immota, —  
Eu vi, — como uma estrella aurifulgente e viva,  
Que innunda o céu de luz e a luz do céu activa,  
— A pallida Carlota !

E louco, — desde então senti-me escravizado  
Por ella, que, affeição, não sei si igual me vota...  
E este amor que me punge e me ha dilacerado,  
Nasceu de um triste olhar brilhante, apaixonado,  
Da pallida Carlota...

Ai! misero que eu sou! — Resplendente de graça,  
Como um loiro ideal, como uma Deusa ignota,  
Porque é que eu vi, Senhor, dos fieis, entre a massa,  
Essa, que hoje, ante mim, — deslumbradôra, passa...  
Porque é que eu vi Carlota?!

Mil vezes a não vira! — Assim, me não brotara,  
Dentro d'alma, este amôr, que, emtanto, hoje me brota...  
E tanto affecto, em summa, eu, triste, não votára  
A quem se não condôe da minha sorte avára...  
A' pallida Carlota!

Misérrimo que eu sou! E ella não se entenece  
Dos meus cantos de amôr, com a dolorida nota!  
Senhor, Senhor meu Deus! Meu coração padece...  
Fazei com que me escute a doiorosa prece,  
A pallida Carlota!

Hoje, quando ao luar, eu scismo tristemente,  
Vem-me á ideia uma flôr — e flôr que não desbota...  
E eu sonho, então, beijar, nevrotico e tremente,  
A rubra flôr da becca immaculada e quente  
Da pallida Carlota...

Gondoleiro do Amôr, em pleno mar de abrólhos,  
— Dou ao triste batel aspérrima derrota...  
Mas, lá si um dia eu vir a morte entre os escólhos,  
Que seja o meu pharol, — a luz d'aquelles olhos  
Divinos de Carlota!

E assim, quando eu partir para as regiões do Nada  
Eis tudo quanto péde a minh'alma devota :  
— No marmore glacial do tumulo, gravada,  
Eu quero aquella mão nervosa e delicada...  
Quero a mão de Carlota!

1893.



## EM PRANTOS

Tu, só tu, puro amôr!

*Canções,*

Já não sei que fazer para agradar-te;  
Para alegrar-te, o que fazer, não sei:  
— Pergunta a todos e por toda a parte,  
Quem, como te amo, já no mundo amei.

— Que eu não te amava mais! sei que disséste...  
E cada vez, no entanto te amo mais!  
Pois o voto de amôr que me fizeste,  
Vive, e jamais o esquecerei, jamais!

Chamaste-me trahidôr!... Ah! caprichosa!  
— Não crês, que, um homem, possa haver, fiel?  
Porque motivo, então, impiedosa,  
Me entornas n'alma tanta dôr e fél?

— Manda que eu morra, e morrerei cantando!  
Mata-me, e as mãos te beijarei, a rir...  
Mas não falles assim, porque, enlutando,  
Vaes, desse modo, todo o meu porvir!

Queres o sol? — Ordena. E, lá, do fundo  
Do Azul, aqui, junto aos teus pés tral-o-hei...  
Mas pergunta, querida, a todo o mundo,  
Quem, como te amo, já no mundo amei.

Sou teu. E's minha. E tudo o que disséste,  
Perdôo, e, peço que não digas mais,  
Pois o voto de amôr que me fizeste,  
Vive! E o que eu fiz, não morrerá jamais!...

1892



## TODA DE BRANCO...

Como te sobresaê esse vestido  
— Branco, tão branco, como os nenuphars, —  
Em que o teu corpo trazes envolvido,  
Oh garça lyrial de ethereos mares!

Para cantar-t'ô, em vão, oh minh'amada,  
A' esphera azulca inspirações arranco!  
— Como ficas bonita assim trajada!  
— Como te assenta esse vestido branco!

1892.



## N'UMA SALA

A J. Jardim

Pallida e triste, muito triste e bella,  
De saia preta e « matinée » lilaz,  
Entra... E eu murmuro, alegremente : é ella !  
Vê-me... E ao vê-me, o cumprimento faz.

E assim sem luxo e mesmo assim singela,  
Como me encanta e me seduz e apraz,  
— Pallida e triste, muito triste e bella,  
De saia preta e « matinée » lilaz !

Ouçõ-lhe a voz angelical... E aneio !  
Pudera ! — Aquella voz, como o gorgcio  
De um gaturamo me arrebatã ! e assás

Me encanta, tudo o que respalde n'ella !  
— Pallida triste, muito triste e bella  
De saia preta e « matinée » lilaz !

## A TI

A Breno dos Santos

Torcendo a phrase, o verso architectando,  
Em cada verso, em cada phrase, ponho  
Uma gotta de lagrima sentida,  
Como um consolo á dôr que me consome...

Eu sei que lês os versos meus chorando!  
Pois bem, — não mais te occultarei meu sonho...  
Has de — como eu, — soffrer por toda a vida,  
Amada e amando, a bemdizer-me o nome:

Essa, que, tanta vez, hei decantado,  
— Pallida e loira, lyrial, franzina,  
De quem, sonhando, beijo o seio nú...

Esse archanjo do céu á terra enviado...  
Essa mulher nevrotica e divina...  
Fica-o sabendo, para sempre: — és tu!

## NO REVERSO DE UM RETRATO

Os namorados dão ás suas Divas,  
Divinas pedras de elevados preços,  
Que ellas conservam dardejantes, vivas,  
Nos porta-joias e nos aderêços...

Outros depõem aos pés de suas bellas,  
Flôres colhidas pela madrugada,  
Lindas paysagens, finas aquarellas  
E a alma de moço toda apaixonada...

Porém á dama, cujo peito amado.  
Galhardamente, uma affeição povôa.  
Mais vale um ramo, — pelo noivo dado,  
Do que um brilhante, — por *qualquer* pessôa...

Por isso, eu, triste, em quem o amôr desperta,  
Eu que te aspiro e te venero e acato,  
Eu dou-te apenas... (Que mesquinha offerta!)  
Eu dou-te o meu retrato,

## MATINAL

"Saudade. — gosto amargo de infelizes  
Delicioso pungir de acerbo espinho."

*Garret.*

D'entre uma nuvem sangrenta,  
Desponta a aurora fagueira,  
Como uma moça faceira  
Que entre mil galas se ostenta.

Que de luz sobre a esplanada !  
Ha cheiros pela campina,  
Como em teus labios, — amada !  
Como eu teus seios, — divina !

Farfalham tremulos ramos  
Ao perpassar das aragens...  
E cantam sobre as ramagens,  
Canarios e gaturamos.

Rosaes floridos e frescos,  
Além, com a vista eu abranjo!  
E uns threnos madrigalescos  
Da lyra nas cordas tanjo...

Canticos d'aves, saudosos,  
Nas pandas azas dos ventos,  
Trazem consolos aos centos  
Aos corações lacrimosos...

No seio da Natureza,  
Que eterna festividade!  
Só na minh'alma, — a Tristeza!  
Só na minh'alma, — a Saudade!

1892.



## SAIBAM-N'O TODOS!

A Raymundo Corrêa

Saibam-no agora todas as formosas  
Flôres que tenho no jardim plantadas!  
— Seus sorrisos... Silencio! Caprichosas  
Borboletas gracios de azas doiradas,

Saibam-n'o agora! Saibam-n'o as cheirosas  
Violetas e rosas purpureadas,  
Gottas de orvalho tremulas, mimosas,  
Luares! Sôes! Estrellas e Alvoradas!

Saibam-n'o agora, cravos e amaranthos!  
— Seus sorrisos, seus beijos, seus encantos...  
Todos os dotes que possúe são meus!

São meus! São meus! E aquella Deusasinha,  
Que, quando passa, vos deslumbra, é minha,  
Como a estrella é do céu e o céu de Deus!

## HONTEM E HOJE

A Emilio Espindola

I

Quando, outr'ora, querida, nos foi dado,  
Viver juntinhos, n'um prazer infindo,  
— Eu gostava de ver-te o aprimorado  
Rosto, contente, — sempre, sempre rindo.

II

Hoje, porém, que já não nos é dado  
Juntos viver, — o meu prazer consiste.  
Em saber que o teu rosto aprimorado,  
Chorando vive, — sempre, sempre triste.

Rio, — 1892.



## EU E TU

Imitação d'«A' Minha Noiva,» de Arthur Azevedo

Querida, os nossos poetas,  
Tem por balda ou por mania,  
Trazer as cousas secretas,  
Da imprensa á luz que irradia...  
Por isso, eu, que os acompanho  
Nessa loucura sublime,

Vou confessar o meu crime,  
Vou meus segredos dizer...  
E assim, tudo o que ha passado  
Entre nós unicamente,  
Heide hoje, indiscretamente  
Nestes versos descrever.

Ha tempos... ( não tenhas mêdo,  
Nãó cõres, nãó fiques tonta ! )  
— Silencio, verso ! — Um segredo  
E' cousa que se nãó conta.  
— Que descrevam suas bellas,  
Os ousados trovadõres,

Dizendo deram-lhe flõres,  
E etc., e cousa e tal...  
Eu, nada disto, nãó digo,  
Porque afinal, te adorando,  
Si vou taes cousas contando,  
Bem vês que procedo mal.

Isto posto, me limito  
A traçar nosso retrato ;  
Tu — tens o rosto bonito,  
Eu — tenho os olhos de gato.  
Tu — és rosa de cem folhas,  
( Mas, *cem* escripto com s,

Porque, segundo parece,  
Tu, de folhas nada tens )  
Eu — sou a flõr da quaresma ;  
Tu — és um cravo singelo ;  
Eu — sou... ( mas isto a martelo )  
Eu — sou... um pé de cecens !

Que tal? — Já vejo, não serve,  
Nada disso te deleita,  
Pois, que — sem graça, sem *verve*,  
Não fiz a cousa bem feita!  
Eu — sou eu; tu — és tu; nós ambos  
Somos — um só! — reunidos:

Tens os cabellos compridos, (!)  
Mãos pequenas, curtos pés.  
Eu tenho os cabellos crespos...  
E, para que bem termine,  
Eu sou — Luiz Pistarini!  
Carlota Espindola és!

1893.



## MALDICTO RELOGIO !



## I

Longe de ti, — tristonho e macilento,  
Quando, ás vezes, me ponho a meditar,  
— Sinto no bolso um tic-tac lento...  
Nunca o relógio andou tão devagar !

## II

Mas, si perto de ti, — grave e solemne,  
Minh'alma, então, se deleitar começa ;  
— Sinto no bolso um tic-tac infrene...  
Nunca o relógio andou com tanta pressa !

1892.



## FESTAS

A Alfredo Cruz

Já que não pôsso dar-te preciosas  
Pedras divinas para o teu enfeite,  
— Não dou-te flôres raras e cheirosas,  
Cuja fragrancia, o olphato te dequite.

Tambem não dou-te estrophes sonoras,  
Cheias de amôr, — tal como outr'ora dei-te,  
Já que não posso dar-te preciosas  
Pedras divinas para o teu enfeite.

Todos dão festas, neste dia, emtanto,  
Dar-te, o que posso, si só tenho pranto,  
Si magua, apenas, minha flôr, me resta ?

Por isso, — triste, em tanta dôr pensando,  
Venho, aos teus pés, — offerecer chorando,  
Neste soneto — o coração — de festa!

## QUEIXAS

A Francisco Ribeiro Espindola

"... Uma illusão gemia em cada canto  
Chorava, em cada canto, uma saudade !

*Luiz Guimarães.*

Meu triste coração dilacerado  
Nem uma crença já, triste, continha,  
Quando, vi-te no Templo e, — apaixonado,  
Senti a luz do teu olhar maguado  
Que, no meu peito, illumina-o vinha.

Então, minh'alma eu te offertei, sorrindo,  
E as maguas todas, disfarcei, cantando...  
Pois, para amar-se um rosto assim, tão lindo,  
A alma, é preciso, não se ter chorando.

Respirei do teu halito o perfume,  
Que, com o incenso, para o céu subia...  
E, misero, cheguei a ter ciume  
Do proprio Deus que as orações te ouvia.

E, ao saihres da Igreja, eu, — deshumano,  
(Como inda punge-me este sacrilegio!)  
Cheio de amôr, e de desejo insano,  
Com a mão, de leve, sensual, profano,  
Toquei-te o braço vellutino e regio.

E amamo-nos depois!... Mas, foste embora,  
Minha adorada e pallida açucena!  
E, desde então — minh'alma, triste, chora!  
E, desde então — minh'alma, triste, pena!

Ai! bem que eu, louco, presentira tudo,  
Tudo quanto, hoje, me lacéra e mata!  
Mas, — amante fiel, — confrica e mudo,  
A's maguas resisti da sorte ingrata.

Não te lembras, de mim, que tanto amavas,  
Nem desse affecto que eu, por ti, nutria...  
Não te lembras que sempre me fallavas  
De amôr a mim, e eterno amôr juravas  
Nem que eu, tristonho e pallido, te ouvia...

E eu de tudo me lembro... Oh! o passado!  
— Para mim, o passado é um relicário!  
E inda hoje, em summa, quando, nesse amado  
Templo, penétro. — agora solitário,

Tão triste agora, sem teu vulto santo! —  
Me assalta a angustia, a mais dorida e extreme:  
— Uma illusão soluça em cada canto,  
E em cada canto, uma saudade geme!

1893.



## EXTREMA VERBA

Ao Dr. João Ribeiro

Abre-me o seio, Lucía, — o seio quente!  
— Quero esconder a última esperança...

*Antonio Marques*

Tristes versos, vibrando as azas espalmadas,  
Espalhae pelo mundo, a historia da orphandade!  
— Que chorem, vos ouvindo, as Mães, angustiadas,  
E os meigos corações, ondê habite a saudade.

Crençado viajor, errante paladino,  
Me apagaram, da Crença, as tremulas lanternas,  
Os ventos do Infortunio! E, em nome do Destino,  
Fui, bem cedo, roubado ás caricias maternas!

— Ser orphão ! Não ter Mãe ! — Esta phrase dorída,  
Ai ! nos punge inda mais que acerba punhalada !  
Que alma é que se não sente, ao menos, commovida,  
Ouvindo-a ? Que alma é que se não sente rallada ? !

— Nenhuma !... Era preciso então que as nossas almas,  
Não soubessem chorar, nem soubessem viver...  
E, do goso, jamais, colhido houvessem, palmas,  
Ou colhido, jamais, as palmas do soffrer.

\*  
\* \*

Senhora, eu fui outr'ora um bohemio desditoso !  
E, andei de tenda em tenda, a implorar um abrigo,  
Como uma ave que foge a um bosque pavoroso,  
Procurando, debalde, um ninho, um seio amigo...

Triste, — vaguei sem Mãe. — O mundo, — era um dezerto,  
Orde eu sem lar, sem pão, soffri, sempre sosinho !  
E como outr'ora o Christo, — ao meu calvario, incerto,  
Subi, sangrando os pés nas urzes do caminho...

Lançado a um cataclysmo em plena mocidade,  
Vi morrerem-me n'alma as crenças predilectas...  
Não tinha luz, nem Mãe... Restava-me a Saudade,  
— A unica e fiel amiga dos poetas !

E ella, triste ao meu lado, e eu, triste ao lado della,  
Prosequimos, a sós, as tetricas romagens :  
— « Vós sois orphão, choraes ! » — Me murmurava ella,  
Ao doce farfalhar das pendulas ramagens . . .

E eu chorava, Senhora ! E as lagrimas, a fio, .  
Vinhão cahir-me aos pés, em borbotões tyrannos,  
Porque aprazia á Dôr tornar negro e sombrio,  
O céu primaveral e azul dos meus quinze annos !

E ajoelhei-me constricto e ergui as mãos e os olhos  
Aos céos, e suppliquei um pouco de paciencia,  
Para que eu supportasse esta c'roa de abrolhos . . .  
Para que eu supportasse esta enorme inclemencia !

Como eu heide viver ? Como eu heide, cantando,  
Viver, assim sem Mãe, sem luz e sem abrigo,  
Si espinho, espinhos só se me vão deparando  
No sólo em que descanzo e na estrada em que sigo ? !

Pois eu heide viver, sem Mãe, sempre soffrendo ?  
Pois eu heide cantar sem ter o seu amôr ?  
— Não ! — Sem o orvalho, a flôr, triste não vae morrendo ?  
Pois ella era p'ra mim o que o orvalho é p'ra flôr !

\*  
\* \* \*

Deus, porém, que a levou, esse Deus poderoso,  
Que costuma acolher as preces da orphandade,  
Ouviu-me e transformou-me o soffrimento em goso,  
E fez da eterna treva, — eterna claridade!

Foi ao ver-vos, Senhora: — Eu vos achei tão triste,  
Qual fôra minha Mãe! E aquelle casto riso  
Que em seu labio existio, no vosso labio existe,  
Como que a me fazer, do mundo — um Paraizo.

Dae-me, pois, o calôr do vosso seio quente!  
P'ra que eu possa esconder a ultima esperança,  
N'esse ninho aromado, — onde a illusão não mente!  
N'esse mundo ideal, — onde a paixão nos lança!

Não tenho Mãe, nem lar. E é poir isso que, agora,  
Vos imploro um carinho, aqui, neste lamento;  
E que eu fique seguro, ao vosso amôr, Senhora,  
Como a estrella no ergaste azul do firmamento...

1893



## MÃO PRIMOROSA

Ao Dr. Alexandre Moura

Aquella mão... Meu Deus ! quando a primeira  
Vez, apertei na minha mão tremente,  
— Como um lyrio nevado, aberto á beira  
De um val florido, intemerato e olente :

Achei-a fria e tremula... Mais fria  
E mais tremula, em summa do que a minha...  
Tremia tanto ! Mas, porque tremia  
Aquella mão de fada ou de rainha ?

Não sei! talvez que a sua joven dona,  
N'esse instante, (criança!) suppozésse,  
Que eu, dos meus labios, a levasse á tona,  
Para beijal-a como bem merece...

Mas não tinha razões p'ra tremer tanto  
Na minha mão aquella mão tão pura:  
— Amo-a, idolatro-a, com amôr! portanto,  
Não lhe manchára a immaculada alvura.

.....

E essa mão de que fallo, — perfumosa  
E branca flôr de lys, —  
E' do Universo, a mão mais primorosa  
E calça... letra X!

Rezende, — 1892.



## SUPREMA VENTURA

A Luiz Murat

"Amar e ser amado, que ventura!"

*G. Crespo.*

Amar e ser amado. Esta ventura,  
Certo, mil vezes mais que as outras vale!  
— Amemo-nos assim! E oh virgem pura,  
Que aos céos a terra o nosso amôr propale!

Viver um para o outro! Este o desejo  
Maior que tinhas e eu também nutria!...  
Sorris?! — Ah! é que vês, bem como eu vejo,  
Que, enfim, chegou-nos o esperado dia!

Deus vae agora abençoar a doce  
União das nossas almas desejadas!  
— Bemdito seja Deus, que si o não fosse,  
Que seria de nós, pomba adorada?

Seremos, pois, casados dentro em pouco...  
— Um do outro! um do outro! Oh Deus Senhor da Altura!  
Piedade! Esta ventura me põe louco!  
Ah! mas como é sublime esta loucura!

1895.—Rio.



## BANDOLIMNATA

(Por um luar, á beira do Parahyba...)



E' noite. Dá-me o teu braço...  
Mas, filha, para onde vamos.  
Si ambos, assim, neste abraço,  
No céu, felizes, já estamos?!

Ao Parahyba ! Embarquemos  
Do meu amôr, oh rainha !  
— Sou todo teu, como és minha  
Toda ! — Agora, força aos remos !

— Amar ! Amar ! — Um breviario  
Não tem palavra mais doce !  
— Que inferno, flôr, si eu não fosse  
Teu dilecto relicario !

— Amar ! Amar ! — Eis a vida.  
Que bella noite, meu anjo !  
— Dá-me os teus labios, archanjo !  
— Dá-me os teus beijos, querida !

Me affaga como te affago...  
— Rumo o batel vae tomando,  
Singrando as aguas, singrando,  
Como um cysne á flôr de um lago...

No céo, vês ? — Que estrella bella,  
Tremeluzindo palpita !  
— « Tu sei fanciulla una stella,  
Che mi ha brigliato a la vita !... »

1891.



## SACRILEGOS !

" N'uma cidade pequena ha  
muitas bocas que fallam, mas,  
poucas cabeças que pensam..."

*Victor Hugo.*

Quando ella sahe a passeio,  
De branco, airosa e catita,  
Os circumstantes murmuram :  
— " Vejam que moça bonita !"

Si ella, porém, nem ao menos,  
A cabeça lhes mencia,  
N'um cumprimento, elles dizem :  
— " Vejam só, que moça feia !"

E accrescentam tanta cousa,  
Tanta mentira sem graça,  
Que, ouvindo-os, quasi enlouqueço  
De raiva, — quando ella passa !

São, porém, tão desgraçados,  
Taes arlequins miseraveis,  
Que o mundo já os conhece  
Como uns biltres detestaveis !

Pois, n'uma terra pequena,  
( E é mistér que se convençam )  
— Ha muitas bocças que fallam !  
Poucas cabeças que pensam !

1893.



## DENTRO DA MAGUA

A Adílio Monteiro

Ao descambar monotono da tarde,  
Hora em que sou da Magua, enfim, captivo,  
Sinto que n'alma, horriavelmente, me arde,  
D'esta saudade, o fogo intenso e vivo.

E então na minha alcova, triste e quêdo  
— Como um saudoso passaro sem ninho  
Agrilhado dentro de um degredo, —  
Choro, debalde a auzencia de um carinho !

Ai ! Minha Noiva ! Ai ! Santa companheira,  
Por quem, sendo feliz, — sou desgraçado !  
Quam venturoso eu fôra, si ao teu lado,  
Levar pudesse a minha vida inteira !

Longe de ti, no entanto, pezaroso,  
Tudo me punge e me enternece tudo !  
E eu vago, vago, indiferente e mudo,  
Como um triste phantasma lutuoso...

Só tu és grande para mim no mundo !  
Só tu és bella e santa e compassiva !  
Só por ti soffro este pezar profundo,  
E, si hoje vivo é que te vejo viva !

Só tua imagem lyrial me anima  
A lutar pela vida no Universo...  
Lembro-a e, tomando-a, ponho-a em cada rima !  
Tomo-a e, beijando-a, ponho-a em cada verso !

Seja, porém, bem dita esta nefasta,  
Profunda, enorme e acerba dôr da auzencia,  
Já que nos cumpre, oh flôr excelsa e casta,  
Soffrer calados e com paciencia...

Seja ! E que nos ajude o Onnipotente,  
Para escalarmos d'esta auzencia o muro !  
— Quem nos fez infelizes no presente  
Si é Deus e, justo conseguintemente,  
Que felizes nos faça no futuro !

Rezende, — Novembro de 1894.



## AQUELLA BOCCA

A Max Fleiuss

Aquella bocca de um rubôr divino,  
Que mata a gente e faz inveja ás rosas,  
E' como um rubro eserinio pequenino  
De per'las preciosas.

Quando, em beijal-a, acaso falla a gente  
A alma da moça quasi fica louca...  
E, ah! quem me dera, emfim, soffregamente,  
Depôr um beijo sonoro e quente  
A' fiôr d'aquella bocca!

1894.



## INVEJOSOS

Que vida alegre vivem aquelles  
Pombinhos brancos sob o telhado !  
E nós, que temos inveja d'elles,  
Dizer, que custa ? — Será peccado ?

Pois, do Universo n'um qualquer canto  
Sempre contentes, sempre juntinhos,  
Ai ! quem nos déra, meu doce encanto,  
Viver a vida de dois pombinhos !

1891.



## JUNTOS, EMFIM !

Feliz de quem, como eu, depois de escura  
Noite, retorna ao desejado abrigo,  
E encontra a luz do mesmo olhar amigo  
Que espadanou-lhe as trevas da tristura !

Feliz de quem puder, desta ventura,  
Depois da ausencia — barbaro castigo, —  
Fruir o goso que, a sorrir, bendigo  
Hoje, ao teu lado, oh minha noiva pura !

Feliz, emfim, de quem, depois da ausencia  
Que é mais negra, talvez que a Penitencia,  
Beija, de novo, a flôr dos seus desejos,

E vê sua alma, outr'ora torturada,  
Cahir, alegre, aos pés da noiva amada  
N'uma explosão de lagrimas e beijos !

Rio, — 4 de Janeiro de 1895.

## NO SEU LEQUE

Quando procuro te fitar o rosto,  
E que me foges, Carlotinha airosa,  
Me enchendo assim do mais cruel desgosto,  
Me enchendo assim da angustia mais penosa ;

Eu me fico com os olhos rasos d'agua,  
Da Dôr varado pela hervada setta...  
— Como pôde caber tão grande magua  
No coração sensível de um poeta?!

1892.



## ESPERANDO MAIO

A Alvaro Guerra

Eu imagino assim meu casamento :  
— Maio. Um sorriso em tudo...

## I

Com que terrível, com que dolorosa  
Impaciencia, o mez de Maio espero !  
— Quero provar-te, minha noiva airosa,  
O quanto e como te idolatro e quero !

Já não me importam loiras raparigas,  
Nem outros olhos virginaes, porquanto,  
Não mais desejo, minha flôr, que digas  
Que eu te não amo, quando te amo tanto !

Nós nos vimos em Maio, e, nos amamos,  
Creio, também, meu doce amôr, em Maio;  
E do Templo do Amôr que penetrámos,  
Não sahes mais nunca, como nunca eu saio!

Hoje son teu! Mas, teu unicamente,  
Tal como és minha, unicamente minha!  
E em nos casando... Que alegria ardente  
Para nós! Que ventura, Carlotinha!

Eu, — em Maio, — sonhei meu casamento,  
E Maio, enfim, nos bate á porta, filha!  
E no céu, para nós, hontem nevoento,  
Do amor, agora, a branca estrella brilha.

Maio, ahí chega... Maio, de Maria  
O mez, dos Noivos e dos Bem-casados;  
E os nossos sonhos, como te eu dizia,  
Certo, em Maio, veremos realizados!...

## II

Nossa casinha, agora: — Eu a supponho,  
Um ninho claro e perfumado, — um ninho  
Mimoso e quente, immáculo e risonho  
Como si fôra o de qualquer pombinho...

E, ahí, felizes, do prazer, as palmas,  
Colhendo sempre, eternamente juntos,  
Que nos importam, do outro mundo, as almas?  
— Tu perderás o medo dos defuntos !

Has de dormir, á noite, acalentada  
Pelos meus beijos e caricias doces,  
Como — si em vez de minha bôa amada,  
— Um loiro anjinho pequenino fosses !

E, quando então te erguer quizeres, linda,  
Mal no horisonte venha vindo a aurora  
Eu te direi : — " E' muito cedo, ainda !  
Faz tanto frio e ha tanta luz lá fóra ! . . .

Fica. Deixa aquecer-te as mãos mimosas  
Com o intenso calôr dos meus desejos !  
Lá fóra — explendem bogarys e rosas,  
Vibra, — aqui dentro, o bandolim dos beijos !

E' cedo. Fica ! — Em nosso fôfo leito  
Como que canta um passaro jucundo !  
Que nos importa o mundo contrafeito ? !  
— Nós dois, agora, somos mais que o mundo ! —"







VARIAÇÕES

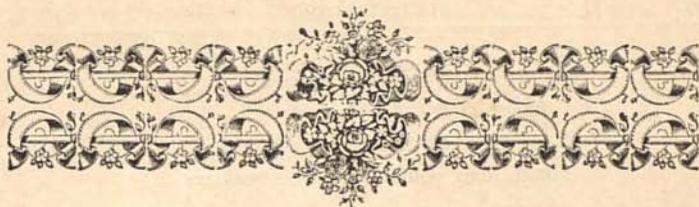


VARIATION

A Armando Novaes

A sensualidade é a condição mysteriosa mas necessaria e creadôra, do desenvolvimento intellectual. — Quem não sentiu até a ultima as exigencias da carne, ou fosse para agradecer-lhes ou fosse para maldizel-as é por isso mesmo incapaz de comprehender toda a extensão das exigencias do espirito. Assim como a belleza da alma illumina inteiramente um rosto, a virilidade do corpo basta para fecundar um cerebro.

*Pierre Louys.*



## MONOLOGO DE UM LOUCO

A Alvaro Reis

---

Noite. Amplo e frio o Luar estende seu manto alvissimo de opala por sobre a Natureza adormecida. Sua luz, coada sinistramente através das ramagens pendulas das arvores, projecta á superficie do solo uns como que enormes phantasmas de catadura rigida e solemne. O vento, ululando, surdo e monotono por entre as franças refolhudas, lembra um turbilhão de soluços pungidos e abafados. Ouve-se, ao longe, uma voz que, a pouco e pouco se aproxima. E' um louco. — Semblante triste. Olhos sem luz. Corpo sem alma. A ventania, redobra agora de fragor. O luar expliende mais. O louco chega, lança por tudo os olhos abstractos e, tombando resupino sobre a relva humida de sereno, por entre lagrimas, fitando o céu balbucia:

I

Foi n'uma noite assim que a vi! — Noite sem par! —

Viva o Luar! Viva o Luar! Viva o Luar!

Os seus cabellos eram dispersos  
Raios do Sol, e nada mais !...  
E os seios curvos, niveos e tersos,  
Foram dois pômos ! São dois punhaes !!

N'aquelles olhos, como em dois poemas,  
Muita cousa li, que não devêra ler !  
E nos seus braços — duas algemas,  
Porque eu era um louco me de'xei prender !

Lembro-me ainda quando nós fomos  
Para a Egrejinha para nos casar :  
Eram seus seios, então, — dois pômos...  
Hoje são dois punhaes p'ra me matar !!

## II

A sua bocca ainda é a mesma bocca  
Mas, já não se abre para me fallar...  
Ella era linda ! Ella era moça ! Hoje está louca !  
Só sabe rir ! Não sabe crêr ! Não pode amar !

Já de ha muito a procuro, e ella me arroja  
No olvido mais atroz sem me querer !  
E eu neste mundo, onde, afinal, tudo me enoja,  
Porque vagar ? Porque carpir ? Porque viver ?

Si ella hoje, ao menos, viésse, como outr'ora  
Mitigar com seus beijos os meus ais:..  
Em vez da Noite, então, decerto, eu tinha a Aurora,  
Para brilhar-me, da Razão, nos funeraes !!...

## III

E ah! como punge, o me lembrar, que inda ha bem pouco,  
Nos meus grandes desejos sensuaes,  
Eu lhe beijava, eu lhe mordia, como um louco,  
Os seíos rijos — como dois punhaes!

Tive a em meu leito, tão satisfeito,  
Que até cheguei — pudera não! — quasi a morrer!  
Não de torturas! Não de amarguras!  
Mas de prazer! Sim, de prazer! Só de prazer!

Depois... Não sei! — Quem saberá? — Mas ficou louca,  
E nunca mais! — Oh Céos, que horror! — me quiz olhar!  
E a sua bocca, e a sua bocca, e a sua bocca,  
Já não tem beijos — vejam só! — para me dar!

## IV

Ella era amada! Eu era amado! E o Padre-Santo,  
Quando á Igreja fomos não nos quiz cazar!  
“ — Diabo leve o Padre! ” — E viemos, no entretanto,  
Rindo nos labios, n'alma a chorar!!

E assim vivemos longo tempo. — Ella, comtado,  
 Despresou-me, um dia... Não me quiz mais vêr!  
 E eu, triste, após um golpe assim tão rudo,  
 Vivo nas trevas — que loucura! — a padecer!

Bella amada minha! oh minha bella amada!  
 Que é desses teus seios que não vejo mais?!  
 Dize! pois eu quero já, com uma dentada,  
 Trincar-te a ponta desses dois punhaes!!!...

Mas, nunca mais, certo a verei! — Quanto penar! —  
 Fóra o Luar! Fóra o Luar! Fóra o Luar!

Grossas e pesadas nuvens, como amplas mortalhas negras e sinistras, vélam subitamente a face lactea da Lua-Cheia, tal como um crepe de viuvez o rosto archangelico e suave de uma mulher pallida e doentia... Rápido, o vento ulula atterradoramente terrivel, torcendo arvores, derrubando troncos, n'uma faina devastadora de Attila allucinado... O louco ergue-se, de um salto e, — semblante triste, olhar sem luz, corpo sem alma, vac — boneco automatico — através das grandes trevas espessas, mono logando ainda uns versos uephelbatas...

1895.



## SONHANDO . . .

Ao Dr. Fernando Mendes

Chegou triste do baile. — A noite, divertida,  
Entretanto passou, folgando alegremente. —  
Despio-se e, logo após, deitou-se, aborrecida,  
O conforto, a implorar, do feito confidente.

Mas como é já manhã, a luz do sol nascente,  
Penetrando na alcova embalsamada e fida,  
Indiscreta, illumina esplendorosamente  
O corpo sensual da moça adormecida . . .

E ella sonha, entretanto : — A rosea bocca abrindo,  
Murmura um quer que seja . . . Os grandes olhos humidos  
Abre, fecha-os de novo . . . E queda-se, sorrindo . . .

Mas, depois — a chorar, n'uma anciedade louca,  
Phrenetica, nervosa, opprime os seios tímidos  
E um nome de rapaz escapa-lhe da bocca !

## FRAGMENTOS

A Jovino Ayres

## I

## CABELLOS

Aureos cabellos! — Como um sol diverso,  
Elle, que a fronte branca te engrinalda,  
E, amplo, a offuscar o proprio sol, disperso  
Cae-te na alvura açucenal da espalda ;

— Traz-me na Noite da Loucura immerso !  
Dá-me esta febre em que meu Ser se escalda...  
E a minha Musa, o Pavilhão do Verso,  
Triste, ao lebral-o, subito, desfralda !...

— Cabellos aureos ! Mádidos cabellos !  
Ainda hoje, emfim, quando me fico a vel-os,  
Dos meus Sonhos de Amôr, entre os assombros :

— Vejo-os ainda, loiros e olorantes,  
Ampos e, em fulvos caracões flammantes,  
Como um manto real sobre os teus hombros !

## II

## OLHOS

Olhos ! — Dois astros rútilos, talhados !  
Para as Noites do Amôr ! — Ah ! Quem m'os déra  
Meigos, tranquillos, languidos, pisados,  
Como os contemplo em vivida chimera !

Québroz, Ternuras, Odios e Peccados,  
— Tudo o que encanta, tudo o que lacéra,  
Ha nos teus olhos ideaes, — vasados  
No plenilunio de uma primavera...

Olhos que á Vida prendem me e, na vida,  
São meus prazeres e únicos antólhos,  
Minha esperança amarga e dolorida !

Lá, quando Deus, os dias me termine,  
Quando a luz, me faltar, dos proprios olhos  
Que a sua luz, piedosa, me illumine !

## III

## BOCCA

Bocca! — Pétala rubra! Melindrosa  
Jarra, onde, em pompa, reflorescem beijos,  
E onde minh'Alma, — abelha sequiosa,  
Ampla, a aza, espalma, em lúbricos adejos!

Bocca! — Rosa pagã! Miraculosa  
Cythara, em que ha Dolencias e Lampejos,  
Quando suspira a musica saudosa  
Dos Soluços, dos Ais e dos Desejos...

Porque estranho Modêlo, modelada  
Foste, oh divina! oh casta! oh perfumada  
Bocca de mé! purpurea e feiticeira,

Que vaes, assim, sem dó, sem piedade,  
Tantalizando toda a Humanidade,  
Lubrificando a Humanidade inteira?!

## IV

## SEIOS

Lyrios ideaes de estranha contestura  
— Nunca, seios assim, tão bem talhados  
Vi, nem tão lindos, nem tão delicados  
Seios de rija carnação tão pura !

Niveo casal de pombos assustados !  
Urnas de Amôr ! Sacraríos de Ventura !  
— Porto que est'Alma, soffrega, procura...  
Seios polpudos e aromatisados !

Como eu vos amo ! E como vos desejo !  
Como eu fôra feliz si um longo beijo,  
Do amôr, nos éstos, sobre vós collando,

Bambos vos visse, brancos e nitentes.  
Desnûdos, mórnos, flacidos, frementes,  
Os naçarinos biços apumando !..,

## V

## BRAÇOS

Braços! — Niveas serpentes tentadôras  
Que, em sonhos, mordo e, lúbricas, estrugem,  
Quando, do amôr, as chammas rugidôras  
Nas nossas almas — confundindo-as, — rugem!

Braços, — não da mulher que me allucina,  
Mas, antes de uma cruz que me appetitece!  
— Porque o teu corpo é uma alva cruz divina  
Onde, sedenta, est'Alma, emfim, padece!

Mais heroe do que o Christo, — eu fel tragára...  
E entre espinhos, a rir, atravessára  
Desta nova Paixão todos os Passos;

Com tanto que, em seguida, — oh pomba doce,  
No Calvario de um leito, em paga, fosse  
Pregado à cruz dos teus marmoreos braços!...

## VI

## MÃOS

Esguia mão de lyrios e de opala  
Feita! eburnea, macia e perfumosa,  
Tão pequena, tão clara e tão franzina,  
Que, igual, no mármore, Phydias não talhara!

Essa, — cuja epiderme ideal, trescala  
Um mixto aroma de baunilha e rosa, —  
— Mão de Artista, nevada e jaspelina,  
Tão perfeita, tão nitida e tão rara :

— Lembra não sei que mysteriosa e estranha  
Flôr, que, de um chim, a phantasia, em calma,  
Gravado houvesse n'uma porcellana,

Tal a brancura, e a nitidez tamanha  
D'essa alva mão que aos lyrios leva a palma,  
Oh minha Escrava e Excelsa Soberana!

## VII

## TRONCO



Tronco elegante! — Esguia tamareira,  
A' cuja sombra, venturoso, e, á sesta  
Dormir eu quero, um dia, ao menos, n'esta  
Vida que levo, errante e aventureira!

— Amo-te, como um Arabe, a palmeira  
Que um doce abrigo protector lhe empresta,  
Quando, não mais, ao dromedario resta  
Força que vença a aspérrima carreira...

Tronco elegante e de cintura esbelta!  
Tronco de régias perfeições replecto,  
Onde a Volupia, a collear, se abriga

Tens a imponencia esculptural de uma celta!  
E, ah! como apraz-me, o ver-te assim, correcto,  
Na compustura de uma estatua antiga!...

## VIII

## PERNAS

Perna de austéra perfeição nitente,  
Torneada, grossa, esplendida e nervosa,  
Que uma epiderme branca e transparente,  
Torna mais chic e mais appetitosa!

Si eu, — que do amôr, os impetos não domo —  
Visse-te a côxa de argental brancura,  
Nua, — a irromper da meia preta, como  
Um lyrio branco de uma jarra escura...

Dize: — que fôra, minh'amada, feito  
Do teu corpo de Santa, alvo e perfeito,  
Que, em sonhos vejo, languido e lascivo?!

— Nem sei! mas, certo, a tua irresistivel  
Perna, seria, para mim, terrivel,  
Como a Serpente ao Macho primitivo...

## I X

## PÉS

Niveo pé de chineza eburneo e leve  
Que um leve borzeguim pernalto opprime...  
Pé mais branco, talvez, que a propria neve !  
Pé mais débil, talvez, que o proprio vime !

— Esse pé principesco, airoso e breve,  
Ao qual, tomado de paixão, rendi-me,  
Deve calçar um d'esses beijos, deve  
Que um labio amante apenas, sabe e imprime...

Tira, portanto, o borzeguim pernalto !  
E, — pé descalço, — ativa e bella, o asphalto,  
Pisa, do sol, aos ultimos lampejos,

Que irei, de rastro, oh Santa idolatrada,  
Calçar-te o bello, o niveo pé de fada,  
N'um sapato aromal feito de beijos !

## N'UM ESPARTILHO

Neste teu espartilho perfumado  
Com que apertas o corpo alabastrino;  
Esse corpo de Santa, delicado,  
Sedoso, pulchro, angelical, franzino ;

— Vou relatar-te, oh minha doce amada,  
Os dois desejos que minh'alma sente :  
Um — é beijar-te a bocca aprimorada...  
Outro — é morder-te o seio alvinente...

1892.



## CÉO ABERTO...

A Medeiros de Albuquerque

O quarto d'ella é um ninho ornamentado  
De alvas cortinas tremulas, mimosas,  
Como um pequeno templo estrellejado,  
Estrellejado de festões e rosas!

Quando, a primeira vez, timidamente,  
N'elle me vi, de Magdalena perto,  
Ah! não deixei de me sentir contente,  
Contente alli n'aquelle céu aberto!...

E ella, soltando a cabelleira loura  
Sobre as espadas... Cabelleira aquella,  
Que um sol de Maio, apaixonado, doura,  
Doura captivo dos encantos d'ella;

No leito seu de sandalo cheiroso  
Magdalena mostrou-me as formas claras,  
Expondo — nũ — ao meu olhar medroso,  
Medroso par de magnolias raras...

Christo que á muitas tentações fugira,  
Dos seios della, diante dos vermelhos  
Bicos, por certo, — preso se sentira,  
Sentira su'alma presa alli, de joelhos...

E, da hectaira o appetitoso pômo,  
Certo mordera, em vez de aconselha-a,  
Regenerando-a, friamente, como...  
Como fizera á biblica Magdala!

Por isso, — eu, peccador, as peregrinas  
Formas, lhe vendo e, mudo, contemplando-as,  
De um grande amôr, nas sensações divinas,  
Divinas horas quiz gosar, gosando-as...

Foi saciada a minha carne... Emtanto,  
Trago os meus olhos, hoje, lacrimentos,  
Pois d'isso tudo, só me resta o pranto,  
Pranto que dão-me os arrependimentos...

## QUADRO RUSTICO

Ao Tent. Cel Olympio Pinheiro da Silva

---

No verde capinzal extenso e fresco,  
Tranquilo, pasee o gado da fazenda,  
Cujo casebre o aspecto romanesco,  
Tem, de uma triste e secular vivenda.

Ruffando as azas no ar, uns passarinhos  
Vão-se sumindo no antro da floresta...  
E outros, mais bellos, no beiral dos ninhos,  
Cantam, saudando a natureza em festa...

De bois, agora, um carro, no terreiro  
Pára... O carreiro senta-se no carro :  
— Risca á pedra o fuzil, accende o isqueiro,  
E leva á bocca um palmo de cigarro !

Junto ao paiol, formosa campesina,  
Mostrando as pernas, de saínha curta,  
Prende, cantando uma canção divina,  
No roseo peito, linda flôr de murta...

E o robusto pastor tisonado e forte,  
— Bello typo de guapo sertanejo, —  
De amôr, n'um doce e rapido transporte,  
Préga-lhe á face um sacudido beijo !

Mas, de tudo isto, vagarosamente,  
Vae o dia fugindo, macilento...  
E o sol, — vermelho, — expira no occidente,  
Como um enorme coração sangrento ! —

1894.



## A' UMA MULHER

A Manoel Vianna

Teus olhos lindos, teus grandes olhos,  
Esses teus olhos brandos, escuros,  
Como scintillam! Mas, sem refólhos,  
Teus olhos grandes, teus lindos olhos,  
Como são tristes! Como são puros!

Os teus cabellos longos e pretos,  
Os teus cabellos, ai! tão divinos!  
Valem poemas, valem sonetos...  
Os teus cabellos longos e pretos,  
Como são crespos! Como são finos!

A tua bocca rosea e pequena,  
Tão tentadôra ! Tão primorosa !  
Como me inspira desejo ! E' pena...  
A tua bocca rosea e pequena,  
Como é bonita ! Como é cheirosa !

Teus seios curvos teus niveos seios !  
Provocadores, alvinitentes,  
Causam-me n'alma tantos anceios...  
Teus seios curvos, teus niveos seios,  
Como são rijos ! Como são quentes !

E, a par dos olhos e do cabelo,  
Da bocca e seios... ai que irrisão !  
— Tua alma é fria, mulher de gelo !  
E, a par dos olhos e do cabelo...  
Como é gelado teu coração !

Rio — 1892.



## NO PARAISO

A Olavo Bilac

.....

Loira Branca gentil ! Teus bellos olhos  
Me dizem sem refólhos,  
Umás cousas de amôr, muito de leve...  
Dizem-me: e eu, lógo, penso, essa doçura  
Fruir, da branda e sensual quentura  
Dos teus rigidos seios côr de neve.

Nua, sonho-te, então: — Da cabecinha  
Aos pés, — formosa e nua inteiramente!  
E os teus niveos contornos, linha a linha,  
Beijo... E beijo-te a rúbida boquinha,  
De onde foge um suspiro lentamente...

— Louca, me opprimes, contra os tentadôres  
Seios brancos de neve, aprimorados...  
E eu lhes mordo, a tremer, bambo de amôres,  
— Como dois espadins provocadores,  
Os bicos aprumados!

E, ah! Como és bella, assim! Como és formosa!  
Pois, nem sequer a folha de parreira,  
Afeia-te a nudez escandalosa!  
Bella estatua de carne, alva e cheirosa,  
Loira Branca gentil e feiticeira!

Beijas-me, a rir, agora... E, immerso em goso,  
Sobre o teu collo arfante e appetitoso,  
— Beijos deponho, beijos, beijos, beijos...  
Depois... Não sei... Mas, o teu corpo enlaço...  
Mordo-o... comprimo-o... E, n'um convulso abraço...  
N'esse abraço, matamos os desejos!

\*  
\* \*

Mas, tudo é sonho! Em vão, teus bellos olhos  
Me dizem sem refólhos,  
Essas cousas de amôr, assim, de leve...  
Em vão! Pois, nem sequer, oh loira pura!  
Fruir, me é dado, a sensual quentura  
Dos teus rígidos seios côr de neve!

## BEIJOS DO INFERNO

Antithese aos "Beijos do Ceu"

Sonhei-te, escuta, amada pomba, um dia :  
— Vi-te no Inferno e, n'um tumulto ingente,  
De beijos, a phalange renitente,  
Dos demos negros, o teu corpo ungia...

Rabudos diabos, com terror, eu via  
Morder a polpa ao labio teu rubente,  
E em te beijando, Satanaz, tremente,  
Nos braços d'elle, em chammas, te cingia !

Subito, n'isto attonito de espanto,  
Desperto, e vejo com prazer divino,  
Que tu dormias do meu leito ao canto ;

Beije-te, então, tambem... e, ai, desgraçado !  
— Queimava me o teu labio coralino,  
Tantas vezes, no Inferno, assim beijado...

## DOIS DESEJOS

A Bernardino Pacheco

## I

Brincavam-lhe nos labios nacarados  
De moçoila gentil, uns risosinhos,  
Como brincam, nas arvores, poisados,  
Os passaros felizes nos seus ninhos...

A seus pés, eu dizia-lhe : — " Formosa,  
Quando, em teu labios, um sorriso vejo,  
Tua bocca de púrpura cheirosa,  
Beijar, soffregamente... E' o meu desejo. — "

## 11

Pelas faces desciam-lhe, perladas,  
Dos olhos, umas lagrimas tão puras,  
Como descem as virgens regeladas  
A' doce e eterna paz das sepulturas...

A seu lado, eu dizia-lhe: — "Divina  
Quando, teus olhos, rasos d'agua vejo,  
Tal é o pesar atroz que me allucina,  
Que, morrer n'esse instante... E' o meu desejo. —"

1891.



## VENDO-A PASSAR...

A Emilio Kemp

---

Alva — da côr das camélias,  
Loira — da côr das ameixas.

*B. Lopes*

Vaes á Egreja. — Vaes de branco,  
Como uma Santa. — O teu rosto  
Leva o ar alegre e franco  
Das rosas frescas de Agosto.

Vaes resar. E, de joelhos,  
Não tardará que, na Egreja,  
— Sem que eu te ouça ou que te veja —  
Desses teus labios vermelhos,

A supplica mais ardente,  
A prece mais dolorosa,  
Resôe no calmo ambiente  
Da Nave silenciosa...

De certo, ás pallidas Santas  
Que te fizeram, das flôres  
A mais chic e, entre os primôres  
O primôr, com graças tantas ;

Vaes pedir — pondo uns amanhos  
Na voz um tanto angustiada —  
Um noivo de olhos castanhos  
E cabelleira ondulada...

Emquanto eu, — deixa fallar-te, —  
Lastimo ( crê, se quizeres ! )  
Olhos não ter como queres  
Para afinal, agradecer-te.

E pedirás, o teu lindo  
Rosto erguendo, ao Deus que acatas,  
Que te conserve esse infindo  
Donaire, com que n.e matas :

Para deleite, — quem sabe ? —  
Talvez, de um typo basbaque  
Que retesado n'um frack  
Em si, de orgulho, nem cabe !...

Ou então pelo mais bello  
Rapaz de olhar atrevido,  
Que, em sonhos, vês no castello  
Que tens, em mente, erigido ;

Pedirás, que, realizados  
Sejam-te, em breve, os desejos...  
Que elle te sorva em mil beijos  
Os labios purpureados !...

Tudo, enfim, tudo o que anhelas,  
Vaes hoje, a Deus n'um lamento,  
Pedir, oh bella entre as bellas,  
Na Egreja, p'ra o teu contento.

E vaes de branco... E passando,  
A saia á destra arrepanhas...  
Vejo-te a perna e... scismando  
Fico em delicias estranhas...

Mas não me vês ! Nem, ao menos  
Um ligeiro-cumprimento !  
— Ai, dama de olhos serenos  
Si te apraz meu soffrimento ;

Mata-me ! E, quando resares,  
— Santa, entre as Santas, — na Egreja,  
— Sem que eu te ouça ou que te veja —  
Curvada junto aos altares :

Pela minh'alma em que o luto  
Do teu despreso hoje pesa,  
Resa, pois, anjo impolluto,  
Resa, resa, resa, resa!...

1895



## A LOUCA

A Narciza Amália, a bella poetisa das "Nebulosas"

Quando ella sahe cantarolando,  
Pela alameda do pomar,  
A passarada, azas ruflando,  
Põe-se a fugir, põe-se a voar!

E ella caminha... E, á tarde, quando  
O sol, no occaso, morre, emfim,  
A louca ahi volta, desfolhando  
Os brancos pet'los de um jasmim...

Logo que o dia despontando  
Vem, ella a rir, ella a cantar,  
Do leito seu, fóra, saltando,  
Eil-a, de prompto, a caminhar...

E a triste, assim, vae-se cançando,  
Até que a noite chegue, alfim,  
Sempre contente, demandando  
Um pé de lyrio ou de jasmin...

A's flôres ama ; e, em se fallando  
De flôres, põe-se a gargalhar  
Em profusão, cravos mostrando,  
Mostrando rosas de tocar...

Chora depois ; e, soluçando,  
Põe-se a dizer triste : — "Aí, de mim !  
Que hontem, meus pés, andei sangrando,  
E não achei nem um jasmin !

Debalde, andei-os procurando  
Para o seu tumulto enfeitar...  
Não os achei, por isso, ando  
A ver o que hei de lhe levar...

Ah ! Pobre noivo ! Elle, chorando,  
Me espera hoje, espera, aí ! sim !  
— Como não lhe ha de estar pesando,  
A terra, agora, sem jasmin ? ! —"

Cala-se. E então, passos contando,  
Vae, como em grave meditar...  
E, vem-n'a, após, se desgrenhando,  
No cemiterio penetrar...

Entra... E os cabellos arrancando,  
Ajoelhada, resa... E, assim,  
Vae, sobre um tumulo, espalhando,  
Petalos murchos de jasmin...

1895. — Rezende.



## NEVER !

A Jarbas de Carvalho

Si em tua bocca, oh, minha loira Clara,  
Nervoso, um longo beijo, eu deposéa,  
Certo esta angustia me não mais ralára,  
Esta angustia fatal que me lacéa !

E eu, louco, então, de certo, contemplára,  
Toda a natura em plena primavera,  
Sem que, entretanto, flôr assim, tão rara,  
Como essa bocca, vislumbrar, podéra !

Só por um beijo o peito meu suspira,  
Como minh'alma por um beijo chora  
Sem que eu logre, jamais, tanta ventura !

E ah ! Do teu beijo, a sacrosanta pyra,  
Fôra, por certo, a luminosa aurora,  
De que carece a minha noite escura !

## LAGRIMA INUTIL

A Acacio G. de P. Ferreira

A um baile em que eu não ia, ao ir: — "Não danso"  
Carmen, tristonha, a me affagar, jurara:  
— "Direi ser fraca e que, ao dansar, me canso..."  
E um sorriso nos labios lhe assomára.

Depois, com módo compassivo e manso,  
Do amôr, em nome, que a mim só, votára:  
— "Não danso!" — Disse. E repetio: — "Não danso!" —  
Já que eu não ia, não dansar, jurára.

Lá foi. — Chegando, a orchestração solemne  
Rompeu festiva, n'uma valsa, e a um canto  
Da rua, occulto, nessa valsa infrene

Vejo a! E ella após — me dizem — suspirára,  
— "Elle não veio... E ousei dansar! No emtanto... —  
E uma lagrima as faces lhe orvalhára!

## ATRAVÉS DO PASSADO

A Valentim Magalhães

---

Meditemos um pouco. Do Passado,  
Volve-se sempre, as cinzas, com saudades,  
Tenha-se, embora, o coração rallado  
Por inclemencias e crudelidades.

Meditemos : — Abril. Chuvosa noite.  
— Ella, em meus braços, a tremer, sorria,  
Do vento, enquanto, fóra, o rijo açoite,  
Pelas franças das arvores gemia...

Ninguém junto de nós: Da lamparina,  
A frouxa luz mortiça, unicamente,  
Mal me deixava ver-lhe a pequenina  
Bocca de rosa, perfumada e quente.

E eu lhe disse a sorrir: — "Chega-te ainda  
Mais para junto do meu peito, filha!  
Quero-te, assim, nesta attitude linda...  
Tira, porém, dos hombros, a mantilha!

Gosto mais de te ver com esse corpete,  
Apenas; nada, assim tão bem, te assenta,  
Meu engraçado, meu gentil diabrete,  
Musa minha gentil e scismarenta!

Um beijo, agora! Um outro beijo... Vamos!  
Tres, dez, cem, mil, um quintilhão de beijos!  
— Que nos importa o mais! Si nos amamos,  
Saciados sejam nossos bons desejos!...

Dá-me, pois, o teu labio perfumoso!  
Quero — por elle, — como n'uma taça,  
Sorver do amôr, o vinho capitoso,  
Que ante meu labio, esquivamente, passa... —"

N'isto, ella olhou-me... E arrebatada, e louca,  
N'uns doces, vagos, sensuaes anceios,  
Emquanto á minha unia a sua bocca,  
Me apertava, nervosa, contra os seios...

E eu, descendo-lhe, então, nervosamente,  
A mão pelo corpete, e, após, o abrindo,  
Mordi-lhê o seio pequenino e quente,  
Branco e polpudo, appetitoso e lindo...

.....

Não meditemos mais! Basta. — O Passado,  
Dorme, agora, na treva indefinida.  
— Descança, coração dilacerado!  
— Fica te em paz, minh'alma dolorida!

1895



## METAMORPHOSE

A Quintino Bocayuva

Rubra, desse rubor ideal, vivo e sangrento  
De uma papoula rubra, — um dia, magestosa,  
A Republica ergueu-se e, ao Brazil macilento,  
Bradou n'um rijo tom, com voz estrepitosa :

— « Indio que, a Monarchia, essa Megéra ociosa,  
Traz ainda a seus pés, captivo e somnolento !  
Para que, do Progresso, a Estrada Luminosa  
Sigas, lança no pó o esqualido e nojento

Throno, que aos hombros tens, por mal dos teus pesares!—»  
— E o Indio a obdeceu. E, n'um rasgo de heroismo,  
Sacudindo, imponente, os hombros seculares

Poz o Throno por terra!... E, em plena alacridade,  
O Povo viu brilhar, em nome do Civismo,  
No horisonte da Patria, — O Sol da Liberdade!

Rezende, — 15 de Novembro — 1894.



## SENSUALISMO INDOMAVEL

A P. T. Xavier de Brito

Sopravam levemente, as brisas matutinas,  
Açoiando, de leve, as tristes casuarinas,  
E espesso véo cobria o cimo alcantilado  
Das montanhas azues ..

Nesse momento, alado  
Bando de aves passou... E em púrpura, gloriosa,  
Rompera, então, no azul a aurora luminosa,

Junto a um tronco de ipê, de claro bosque, ao limbo,  
Dormia um *quilombóla*, ao lado do cachimbo,  
Cujo fumo o tonteára...

E erecto, e romanesco,  
Collo nú, braços nús, — o corpo esbelto e fresco,  
Envolto n'um *peignoir* de seda primoroso,  
— Um vulto de mulher, garrido e voluptuoso,  
Penetrára no bosque...

Era Indianita, — a loura,  
Que, todas as manhans, assim fascinadôra,  
Sosinha, por alli, passava para o banho,  
Um perfume, a espalhar, sensualmente estranho...

E o negro despertou, E erguendo os membros lassos,  
Seguiu, ávido e tonto, o rastro de seus passos,  
Até que, em avistando-a, ao longe, embevecido,  
Parou, vendo-a parar, espreitando-a, escondido.

Um minuto depois, na compostura de Eva,  
Na régia perfeição da plastica medieva,  
— Indianita, de pé, á margem da corrente,  
Do rio, no crystal, — o corpo lactescente,  
Remirava, orgulhosa, — os retesados seios,  
Ora affrgando, a rir, n'uns lúbricos anceios,  
Ora o ventre, alisando, alvissimo e arqueado,  
Por leve e tenue pello, apenas sombreado...

E o negro ousado e vil, — brutalmente atrevido,  
Antegosando, cioso, o pomo appetecido  
Com o languoroso olhar de quem, noites e dias,  
Consome nos festins, consome nas orgias;  
— Não resistio, não poude! E ousou tentar o crime...  
Tentou... E essa mulher tão frágil como o vime,  
Tremeu-lhe, enfim, nas mãos... Lutou... E, em se escapando,  
Poz-se logo, á correr, como douda, gritando,  
Desgrehada, velóz, deslumbradôra, em pranto!

.....

E foi assim que eu vi, transido, então, de espanto,  
Entrarem, — céos, que horror! — correndo pela villa,  
— Nua, a moça, a fugir...

E o negro a perseguil-a...

1895.



## REMEMBER

Ao Dr. Feliciano Prazeres

Toma o formoso para-sol cambiante,  
Minha gentil e pallida senhora !  
Que assim que o sol erguer-se do Levante,  
De jovens noivos, como um par galante,  
Nós dois iremos pelo campo em fóra !

Vamos ! Ennastra a cabelleira escura !  
Prende ao pescoço um laço azul de fita...  
E partamos !... Da matta, na espessura,  
Que dulcissimo aroma ! Que frescura !  
Nos proporciona esta manhã bemdicta!...

Anda ! Colloca a rútila cabeça  
O teu chapéo de palha rendilhado !  
— Já não espero, agora, que appareça  
O sol ! A mim, qu'importa o sol, condessa,  
Si eu tenho um sol no teu olhar sagrado ? !

\*  
\* \*

E partimos, por fim. D'entre os raminhos  
Verdes, da selva, os matinaes cantores,  
Prazer nos davam, — bellos amiguinhos ! —  
Azas ruflando, estremecendo os ninhos,  
N'uma sublime orchestração de amôres !

E que bella delicia ! — A aragem fresca,  
Por nossas fronte, branda, sussurrava...  
E, durante essa viagem romanesca,  
Pela estrada florida e pittoresca,  
Que cheiro agreste que nos deleitava !

\*  
\* \*

— Eis-nos chegados á floresta immensa,  
Que buscavamos cheios de desejos...  
Disse. E... na rêde de cipó suspensa,  
Houve entre nós não sei que desavença...  
Que um duello, em summa, resultára... a beijos !

Pelas ramagens pendulas, o vento  
Gemia uma ballada merencorea...  
E eu, cingindo-te ao peito, após, sedento...  
Não sei !... Do que passou n'esse momento,  
Fique entre nós, eternamente, a historia...

Certo é que. exangue, oh, minha doce amante!  
Cahiste, branca, como n'um desmaio...  
E eu, tomando-te aos braços, triunphante,  
Beije-te todo o corpo palpitante...  
N'essa manhã de Maio!

Rio. — 1895.



## NO ARCHIVO DE UM BOHEMIO

Loira e gracil a Deusa peregrina,  
De uma bellesa maga e fascinante,  
Tinha no rosto a pallidez divina  
Da decantada Beatriz do Dante.

Vi-a uma vez; e, após, da pequenina  
Mão, pela vez primeira, eu, delirante,  
Depositei na alvura alabastrina,  
Um longo beijo sensual de amante...

Casou-se após... E teve um filho. — Agora,  
Quando essa loira e pallida senhora,  
No meu olhar o seu olhar descança...

Qu'importa o filho? — O amôr, emfim, revive...  
E eu, que nunca, dos homens, pena tive,  
Tenho pena do pae dessa criança! — ”

S. Paulo — 1893.



## PASSARQ VIUVO

A Costa Sampaio

Livre, as azas batendo, — o olhar chispante,  
Ao despontar flammivomo d'aurora,  
Ella o vôo, ensaiou, junto do amante,  
Lançando os olhos pelo espaço a fóra...

E partio. Mas, após curta demora,  
Por um tiro, ferida, agonisante,  
Misera, foi, cahir na mesma hora,  
Junto ao tronco de uma arvore gigante.

Gemeu... Ouvindo-a, o companheiro auzente,  
Approxi nou-se; e, ao vel-a, um grito ingente  
De dôr, do estreito coração, soltou!

E, momentos depois, buscando o ninho,  
Triste levando-a presa no biquinho,  
Bello! imponente! tragico! vôou...

Rio, — 20 — 2 — 95.



## PROVA UNICA

A Pedro Rabello

"— Amo-te !"— E eu disse-lhe, a chorar : — " Não creio  
Porque, loucura, acreditar-te, fôra...  
Mas, amo tanto essa cabeça loura,  
Que, vivo d'ella inteiramente, cheio...

Tento esquecer-te, e cada vez me enleio  
Mais deste amôr na chamma abrazadôra  
E, ah ! Quem me déra, flôr encantadôra,  
Provas possuir, para dizer-te : — " Creio ! —

Branca, sorriu-se, ouvindo me... E tremente,  
Depois de um beijo ardente e apaixonado,  
E de um suspiro apaixonado e ardente :

— " Não crês ?! E agora ?! " — disse. E sem rodeio,  
Do peito, abrindo, o escrínio perfumado,  
Deu-me a beijar as perolas do seio...

## LEMBRAS-TE ?

A Henrique Netto

## I

Foi n'uma tarde de primavera,  
( Lembras-te, Laura ? ) que te fallei,  
Que a flôr mais linda, linda não era,  
Como essa bocca que tanto amei.

De facto, as flôres, principalmente,  
Todas as rosas do teu jardim,  
Tinham inveja do rubro ardente,  
D'esses teus labios, flôr, de carmim,

E eu te dizia: — "Deus porque a bocca,  
Te fez tão linda, filha de Deus? —"  
E respondias, de amôres, louca:  
— "Para o contento dos labios teus!" —

.....

E nos meus braços, com que ternura,  
Nervosa e bamba, vinhas cair!  
E, ah! Que doçura! Quanta ventura,  
Que então nos era dado fruir!

## I I

Mas, perjuraste... Foi n'esse dia,  
(Lembras-te, Laura?) que te fallei,  
Que a fria neve não era fria,  
Como essa bocca que tanto amei.

De facto, estavas tão constringida,  
Tinhas á bocca, já tão sem côr,  
Que até minh'alma, compadecida,  
Ficou saudosa do nosso amôr...

E eu perguntei-te: — "Porque trahiste,  
Quem, tanto e tanto, como eu, te quiz? —"  
E respondeste, pallida e triste:  
— "Porque fui tola... Fui infeliz! —"

.....

E nos meus braços, de um modo santo,  
Qual Magdalena, vieste cahir!  
Mas no entretanto, teu proprio pranto,  
Não poude a culpa te redimir!

1894.



## PARA O CÉO

A Arthur Godlari

Quando morre na terra uma creança loira,  
Uma d'essas gentis bonecas animadas,  
Cujo olhar — como um sol — as nossas almas doira,  
Enchendo o nosso lar de argenteas gargalhadas ;

Deus — o amigo piedoso e bom das creancinhas, —  
Deus, que as quer junto a si, porque, enfim, lhes tem pena  
— *Vão m'a buscar!* — A quatro anjos loiros ordena,  
E uma gaze lhes prende ás líridas azinhas...

E os cherubins lá vêm á terra esvoaçando,  
N'uma auréola de luz que lhes circunda o bando,  
Emquanto, Elle do Azul, os espera na porta.

Descem... E após da gaze em cada nivea ponta  
Cada um segurando, o bando, então, remonta,  
Levando para o céu a creancinha morta...

1894.



## SONHO SELVAGEM

~~~~~

Calça o teu bronzeo borzeguim pernalto,
Calça! e esta estrada oloranciosa e fresca,
Lestos, gaiguemos, meu amôr, de um salto,
P'ra uma entrevista alegre e principesca.

Dá-me o teu braço! É que essa, em rosa, aberta,
Bocca que um rubro vesperal colóra,
Vá — como uma ave que, a cantar, desperta —
Cantando, emfim, — rumo do bosque a fóra.

E o bosque nos espera... E, á nossa espera
Fremente, e, fremindo, os passaros espanta...
— Ah! como é bello o amôr na primavera,
Quando, em festa, a natura esplende e canta!

Vamos, pois, dá-me o braço. O que sonhamos,
Sonho amoroso, oh gemea irmã das fadas!
Pede, na sombra, um leito, sob os ramos
Das ramalhudas arvores copadas.

E é n'un thálamo assim que te desejo,
— Longe dos homens e dos preconceitos, —
Onde um beijo me pagues com outro beijo,
Trocando, em folga, simultaneos preitos.

Quero-te, ahi, — deusa das selvas, — núa
A' luz do sol, — que espreita, de socapa, —
Sob o meu peito que, de amôr, estúa,
Branca, a tremer, açucenal e guapa.

E caso eu morra e esta alma se esbarronde,
Como uma vaga impetuosa e triste
No oceano do teu collo — oceano aonde
Somente um par de perolas existe, —

— Minha gentil e pallida condessa!
Que o pavilhão das benções se desfralde
Sobre essa augusta e esplendida cabeça
Garbosa e erecta, senhoril e jalde!!!

DEPOIS DO THEATRO

A Guimarães Passos

Nair, — a loura alabastral — que ardente,
Mil almas prende em seus cabellos de ouro,
E vive, agora, apaixonadamente,
Morta de amôres por um moço louro :

Chega do theatro. E, após, abençoada
Pela mamã, que entre um sorriso e um beijo,
Manda-a deitar se, — um tanto contristada,
— Porque o não vio, como era o seu desejo, —

Entra na alcova oloranciosa... E, entrando,
Da alcova, a porta, aborrecida, tranca...
E o «waterproof», a suspirar, tirando,
Tira o corpete e o bracelete arranca...

Fôra, o espartilho, — da camisa, fôra,
— Tesos, á prumo, os rubidos biquinhos,
A' luz do opaco alampadario, agora,
Saltam-lhe os seios como dois pombinhos !

Depois, descalça o sapatinho airoso...
Desprende a liga e, livre, enfim, da meia,
Chega ao espelho, tremula de goso,
E a trouxa luz do alampadario atêia...

Então, de pé, num brusco movimento,
Da Grecia antiga, de uma estatua, á guiza,
— Nú ! — todo o corpo velludoso e argento,
Surge — imponente, da gracil camisa !

Surge... E ella, — ciosa — os lúbricos contornos,
Contempla, e as côxas e a epiderme fina...
— Núa, — dos pés á flôr dos labios mornos.
Revê, no espelho, a perfeição divina...

— Phrinée, de certo, tantos predicados
Não teve, e bella, tanto assim, não fôra,
(Pensa) pois, nunca os seios tão nevados
Teve, nem teve a côma, assim tão loura...

Não !... » — E, do espelho, sensual, se afasta...
Sóbe ao leito e, pensando, com saudade,
Nesse de loura cal'eira basta,
Por quem se inflamma a sua mocidade ;

Suspira... aneia... os seios preme... e exulta !
Exulta e, alegre uma risada franca
Sólta... E entre o linho dos lençóes se occulta
Todo o esplendor daquella carne branca !...



TIRADENTES

A Ruy Barbosa

Era a 21 de Abril. — No largo do Rocio,
Funebrenemente entrava em cortejo sombrio,
Seguindo um condemnado a massa popular !
— Quem era ? — uma ou outra bocca, anciosa, perguntava ;
Mas, ninguem respondia. E o grande heróe passava,
— Olhos fitos no azul, constricto, a caminhar.

Ali, bem como outr'ora, o Martyr Nazareno,
Grande, heroico, sublime, impavido, sereno,
Ao Golgotha subindo, ao peso de uma cruz ;
Elle á forca subiu! — E, assim nessa hora austéra,
Morreu como um heróe titanico que o era,
Entre um sonho de amôr e uma explosão de luz.

Nobre, contra os grilhões, bem alto á Immensidade,
Grandiloquo bradava o verbo — Liberdade!
E esse foi o seu crime, esse foi seu labéo.
Mataram-n'ô; pois bem! mas, quando, ensanguentado
O seu corpo, baqueou, por terra, inanimado,
Livre, su'alma subio, gloriosa para o céo!

Subio: e do seu sangue, ardente, heroico e rubro
Rúbio como o morrer do sol no mez de outubro,
Nasceu rúbida fiôr, e, fiôr que não desmaia:
E' a Republica; e ahi está! Ella é a fiôr do seu sangue;
Mas, para que não fique abandonada e exangue,
Engrandecci-a, vós, amai-a, idolatrai-a!

1895.



NUPCIAS NO TUMULO

Ao Dr. João Maia

Foste, mas já não és a Eleita de minh'alma
— Morreste para mim. Sou morto para ti.
Si o teu beijo elevou-me, um dia, ao céu, — sem calma
Logo após me arrojou; da amargura com a palma,
Neste Inferno fatal, onde, morto, cahi.

Lacerante tortura e angustia lacerante !
— Hoje és, da que já foste — a sombra unicamente
E's a estatua floral da minha antiga amante !
O esquite onde tranquei meu coração de crente.

Amo-te agora assim, — na impassibilidade
De um modelo idêal da antiga Estatuaria !
— Astro, quasi a extinguir se em meio a escuridade
Da existencia, que levo, errante e solitaria...

— Amo-te assim ! Quero-te assim ! O olhar sem lume,
Assim ! Assim sem beijo o labio e o seio frio...
Desgrenhada e glacial, — a carne sem perfume,
Como Ophelia, a boiar, sobre as aguas do rio !...

Amo-te assim ! Quero-te assim ! Só te desejo
Assim ! — Não mais te quero em meus braços, nervosa,
Quasi a morrer de amôr, quasi a morrer de pejo,
Entregando-me ao labio as pômas cor de rosa...

Não ! Nem quero tambem respirar mais o aroma
Que o teu leito perfuma, — esse aroma terrivel,
Que te sóbe da carne e te desce da côma,
Na divina explosão de um goso irresistivel!...

— Morreste para mim. Vês ? — De luto eu me cubro...
E hoje, trahido e só, como o Christo no Horto,
Si te vejo passar, ao ver-te, me descubro,
Como quem se descobre á passagem de um morto...

Tudo agora está findo. Ah! tudo! tudo! tudo!
E, morta para sempre a crença derradeira,
Que me vale este mundo, onde — pallido e mudo
Vago, como o Judeu da lenda, a vida inteira?!...

Já nada mais me alegra a alma, onde a dôr habita...
— Hoje, meu coração que te adorava, e tanto!
Vive cheio de magua e, esta magua infinita
Faz-me os olhos trazer arrasados de pranto.

De Sonho em Sonho andei, de Chiméra em Chiméra,
Outr'ora e, assim vivi, longo tempo aturdido...
Mas, que mais me resta hoje? Hoje que mais me espera
Além de tanta dôr, que um tumulto no Ólvido?!

Talvez, talvez nem isso! E, ai, misero eu não via!
Que era um crime este amôr! E eu não acreditava
Que essa bocca aromal, entre beijos, mentia!
Quando — «sou tua só» — com beijos me jurava.

Desgraçado que sou! — Hoje que mais me resta?
Deixa-me, em paz, morrer! Porque em paz me não deixas?
Porque has, de ainda hoje vir, bella Estrella funesta,
Espalhar me na fronte o ouro d'essas madeixas?

Deixa-me só commigo! Eu não quero, eu não quero
Que me fites jamais, piedosa e apaixonada.
— Morreste para mim. Morta, é que te venero:
— Sombra do que já foste, hoje — Estatua e mais nada...

Lá si um dia, porém, tristonha e arrependida,
Lembrares te de mim que, por tí, tanta vez
Padeci, — sê fiel e, procura outra vida,
Que, p'ra o nosso noivado, então, oh foragida
Pomba, te aguardarei, no tumulto, talvez.

1895.



VERSOS A' ELMUSA

A Henrique Marinho

Deixa que eu triste e pesaroso, agora,
Deixe, da angustia, que carrego, o lenho,
Eu, que, da vida, em pleno albôr d'aurora,
Só tenho maguas, só pesares tenho.

Do mais pesado luto, os desenganos
Cobriram me a alma, orphã de amôr ! No emtanto,
Não ha quem tendo, apenas desoito annos,
Haja, como eu, soffrido e amado tanto !

Lê-me este canto, Elmusa ! Alma exilada
Da Patria Azul dos anjos bella e pura !
Lê-m'o, e verás o quanto inda és lembrada,
Mesmo nas trevas desta noite escura...

Hoje, minh'alma que já mal supporta
Da vida o peso e do pesar o amargo,
Si morta vive ou vive quasi morta,
Nem sei, pois, trago-a em perennal lethargo...

Sei apenas que soffro e, assim soffrendo,
Vou, pelo mundo, em versos espalhando,
O amor que aos poucos vae me envelhecendo,
O amor que aos poucos vae me assassinando !

Piedade, Elmusa ! — Eu sou, bem vês, como a ave
Que, ao temporal, vio desfazer-se o ninho...
Dá-me, pois, o calor ameno e suave
Desse teu collo açucenal de arminho.

Venho de extranhos climas e de extranhas
Paragens, triste, o coração presago,
Déssas do exilio, tredas e tamanhas
Maguas, replecto e transbordando trago...

E, ai ! feliz do mortal que, á hospitaleira
Sombra de um lar hospitaleiro e amigo,
Póde viver tranquillo a vida inteira
Do olhar da amante ao desvelado abrigo !

Esse não sabe, ao menos, como e triste,
Como é nefanda, a vida do exilado,
Em cujo peito a dôr atroz persiste
Em bipartir-lhe o coração maguado!

E eu pod'ia, contudo, na verdade,
Vêr logo extincta esta amargura immensa,
Mas, sempre em ti a mesma impiedade!
Mas, sempre em ti a mesma indiferença!

1895.



NO ENTERRO DE UM ORPHÃO SINHO

A Henrique Fonseca

I

Eil-o sem vida, frio, gelado,
No pobre esquife sem um doirado,
Sem uma rosa, sem um jasmin!
Ninguem o chora, ninguem o beija...
— Soment e sino, longe, na Igreja,
Soluça e geme:
Dilim, dim, dlim!

I I

— Orphão, não teve nem um agrado
Na vida, e, — vivo, viveu judiado
Como um cãesinho! Mas foi tão bom,
Que ora que su'alma p'ra o céo adeja,
Plangendo, o sino da velha Igreja,
Geme e soluça :
Dilim, dim, dlon !

I I I

Por quatro pretos vae carregado
P'ra o Cemiterio... Tão descorado!
Como vae lindo, pallido assim!
De manso, a brisa, leve, bafeja,
De manso... E o sino da velha Igreja,
Soluça e geme :
Dilim, dim, dlim !

I V

Mas, desce á cova... Tão desgraçado,
Que nem um beijo leva, coitado,
Do irmão, no rosto, de niveo tom!
— Ao longe, o vento, surdo, gagueja...
E o som do sinó da velha Igreja,
Morre no espaço :
Dilim... Dilom...

BEIJOS . . . FLÔRES . . .

A Trajano Louzada

Branca formosa ! Archanjo peregrino !
Dona do labio perfumado e rubro,
De olhos escuros e de olhar divino,
Reverberantes como o sol de outubro !

Guarda-te os dentes — bogarys mimosos, —
Da tua bocca, a divinal çaçoula ;
Cresta-a meus beijos ! Como são gostosos
Teus labios rubros — fulgida papoula ! —

Pedes-me flôres... Mas, si primorosos
Versos eu dou-te, como dou te beijos;
E o verso e o beijo são mais valorosos,
Porque motivo terás mais desejos?

Tem paciencia, minh'amada; — aquellas
Flôres, não servem para o teu noivado;
E as damas de hoje, caprichosas, bellas,
Isto de flôres têm por desusado...

Antes preferem, com mais ancia, os quentes
Beijos dos labios dos seus bem-queridos,
Que, nos seus peitos rigidos, trementes
Cahem, deixando-os como que incendidos.

Permitte, pois, que os labios meus ardentes,
Tremam de goso em sensuaes anceios,
Poisando n'esses dois botões frementes
Das magnolias cheirosas dos teus seios...

E depois d'isto, minha loira Branca,
Bôa rainha dos meus bons amôres,
— Has de dizer-me verdadeira e franca,
Si queres beijos... ou si queres flôres...

1894.



Fim

ERRATA

Página xvii. — Data do *Antelogio*. Em vez de 1885; leia-se: 1895.
Pag. 24, — 2.^o verso da 2.^a quadra, onde se lê: *impiedade!* leia-se: *impiedade!*

Pag. 26, — ultimo verso do ultimo terceto, onde se lê: *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 33, — 15.^o verso, onde se lê: *campinas*; leia-se: *campinha*.

Pag. 43, — *Impiedade sem nome!* — No original esta poesia contém dedicatoria a Luiz Murat, o que se mantem.

Pag. 49, — 3.^o verso do primeiro quarteto, onde se lê: *casinha*; leia-se: *casinhola*.

Pag. 52, — 19.^o verso, onde se lê: *morreria*; leia-se: *morrerei*. 24.^o verso, onde se lê: *amoor*; leia-se: *amôr*.

Pag. 53, — 12.^o verso, onde se lê: *mau*; leia-se: *meu*. 20.^o verso, onde se lê: *mladita*; leia-se: *mal dita*.

Pag. 62, — 3.^o verso da 1.^a quadra, onde se lê: *porque*; leia-se: *pôr que*.

Pag. 63, — 3.^o verso da segunda quadra, onde se lê: *talvez*; leia-se: *talvez*.

Pag. 64, — ultimo verso da 1.^a estrophe, onde se lê: *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 65, — 4.^o verso da 2.^a quadra, onde se lê: *russo*; leia-se: *ruço*.

Pag. 68, — 4.^o verso da 2.^a quadra: idem, idem.

Pag. 83, — 3.^o e ultimo versos da 1.^a estrophe, onde se lê: *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 85, — 3.^o verso da 3.^a quadra: idem, idem.

Pag. 88, — onde se lê: *Pallida triste*, etc; leia-se: *Pallida e triste*, etc.

Pag. 107, — 3.^o verso da 2.^a quadra, onde se lê: *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 110, — 2.^o verso da primeira quadra, onde se lê: *desajadas*; leia-se: *desejada!* —

Pag. 122, — 1.^o verso da segunda quadra, onde se lê: *son*; leia-se: *sou*.

Pag. 130, — ultimo verso da ultima quadra, onde se lê: *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 132, — ultima linha do trecho final de prosa, onde se lê: *nephelebas*; leia-se: *nephelebas*...

Pag. 133, onde se lê:

Phrenetica, nervosa, opprime os seios tímidos,

leia-se:

Phrenética, nervosa, opprimo os seios tímidos...

Pag. 166, — 2.^o verso da ultima quadra, onde se lê: *indefinida*; leia-se: *indefinida*.

Na mesma pagina, no 2.º e 3.º versos da 3.ª quadra, onde se lê:
porque; leia-se: *por que*.

Pag. 175, — onde se lê :

Loira e gracil a Deusa peregrina,

leia-se :

— « *Loira e gracil, a Deusa peregrina,*

Pag. 178, — onde se lê :

Triste levando-a presa no biquinho

leia-se :

Triste, levando-a presa no biquinho,

Pag. 184, — onde se lê :

Emquanto, Elle do Azul, os espera na porta.

leia-se :

Emquanto Elle, do Azul, os espera na porta.

Pag. 185. — *Sonho Selvagem*. No original esta poesia contem dedicatoria ao Dr. Ferreira de Araujo, o que se mantem. No 3.º verso da primeira quadra, onde se lê: *gaiguemos*; leia-se: *galguemos*. — Data. Em vez de 1896; leia-se: 1895.

Pag. 192, — onde se lê :

Si o teu beijo elevou-me, um dia, ao céu, — sem calma

leia-se :

Si o teu beijo elevou-me, um dia, ao céu, — sem calma,

Pag. 193, — onde se lê :

— *Hoje és, da que já foste — a sombra unicamente*

leia-se :

Hoje, és da que já foste — a sombra unicamente !

Pag. 194, onde se lê :

Quando — "sou tua só" — com beijos me jurava.

leia-se :

Quando — "sou tua só!" — com beijos me jurava.

Pag. 196, — 1.º verso da primeira quadra, onde se lê: *pesaroso*;

leia-se: *pezaroso*; 4.^o verso da mesma quadra, onde se lê: *pesares*;
leia-se: *pezares*.

Pag. 134, — 1.^o verso do 1.^o quarteto, onde se lê: *Aureos eabellos*; leia-se: — *Aureo cabello!* —

Pag. 135, — onde se le :

— *Olhos! Dois astros rutilos, talhados!*

leia-se:

Olhos! Dois astros rutilos, talhados

Pag. 136, — 1.^o verso do 1.^o terceto, onde se lê; *porque*; leia-se: *por que*.

Pag. 137, — onde se lê :

Lyrrios ideaes de estranha contestura

leia-se :

Lyrrios ideaes de estranha contestura!

Pag. 143, — ultimo verso da ultima quadra, onde se lê: *alvinate*; leia-se: *alvinitente*.

Pag. 154, — 3.^o verso da ultima quadra onde se lê: *pezar*;
leia-se: *pezar*.

Pag. 156, — onde se lê :

Donaire, com que me matas:

leia-se :

Donaire com que me matas;

Pag. 161, — 3.^o verso da 1.^a quadra, onde se lê: *vem-n'a*;
leia-se: *vêm-n'a*.

Pag. 163, — onde se lê :

Vejo-a! E ella após — me dizem — suspirára.

leia-se :

Vejo-a! E ella após — me dizem — suspirára :

Pag. 197, — 2.^o verso da segunda quadra, onde se lê: *pezar*;
leia-se: *pezar*.

Pag. 198. — 3.^o verso da primeira quadra, onde se lê: *persiste*;
leia-se: *persiste*. Na mesma pagina, onde se lê:

Vêr logo extincta esta amargura immensa,

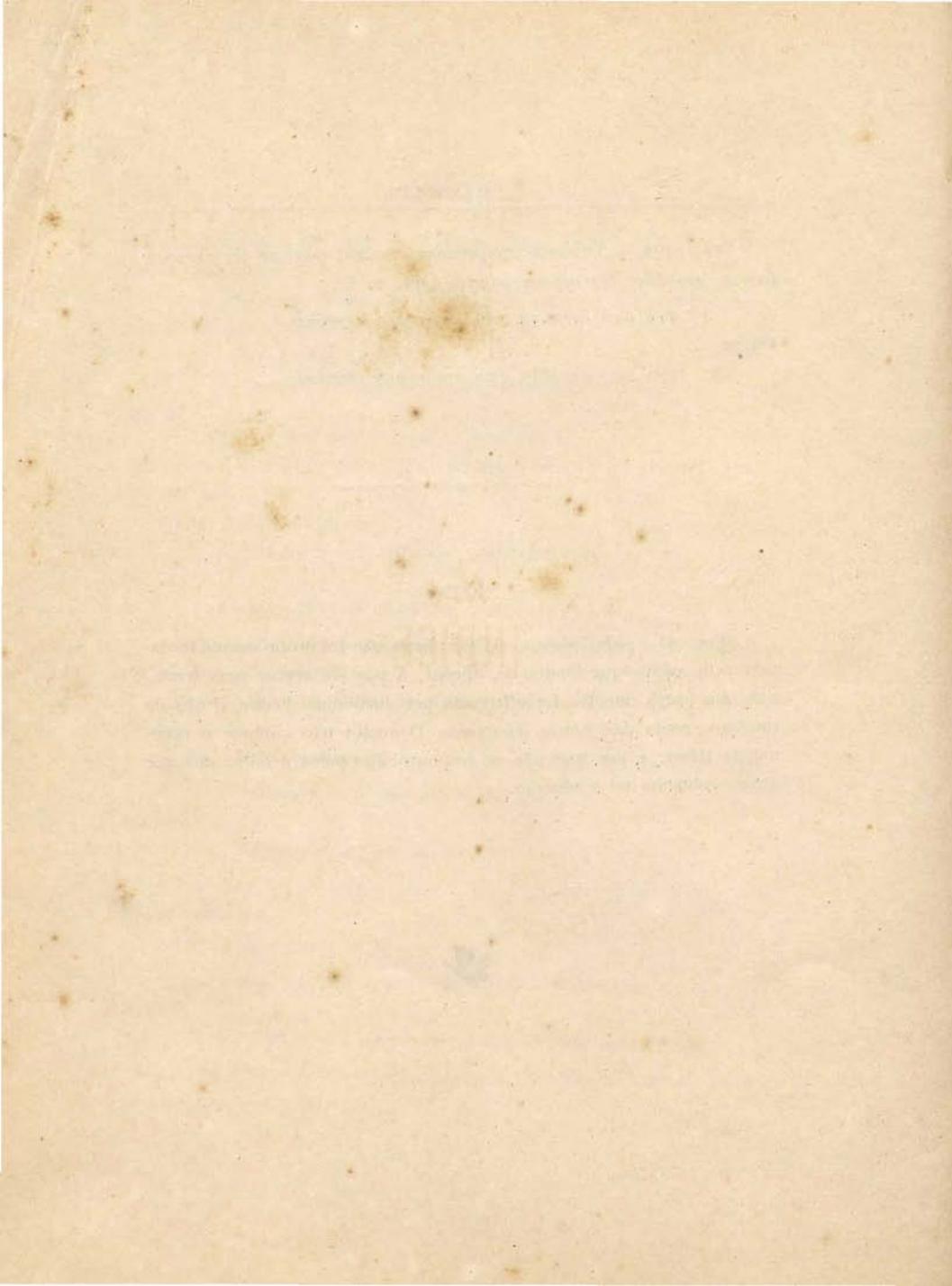
leia-se:

Vêr logo extincta esta amargura immensa...

NOTA

Pag. 41. — *O Coração*. — Esta poesia não foi propriamente traduzida pelo auctor que limitou-se, apenas, a pôr em versos uma traducção em prosa que lhe foi offerecida por Jucundino Freire, irmão do saudoso poeta das *Flôres do Campo*. O auctor não conhece o original de Heine, e por isso não se responsabilisa pelos defeitos que por acaso contenha tal traducção.







INDICE



INDEX

INDEX

INDEX

| | |
|-----|-------------------|
| 1 | Introduction |
| 2 | Chapter I |
| 3 | Chapter II |
| 4 | Chapter III |
| 5 | Chapter IV |
| 6 | Chapter V |
| 7 | Chapter VI |
| 8 | Chapter VII |
| 9 | Chapter VIII |
| 10 | Chapter IX |
| 11 | Chapter X |
| 12 | Chapter XI |
| 13 | Chapter XII |
| 14 | Chapter XIII |
| 15 | Chapter XIV |
| 16 | Chapter XV |
| 17 | Chapter XVI |
| 18 | Chapter XVII |
| 19 | Chapter XVIII |
| 20 | Chapter XIX |
| 21 | Chapter XX |
| 22 | Chapter XXI |
| 23 | Chapter XXII |
| 24 | Chapter XXIII |
| 25 | Chapter XXIV |
| 26 | Chapter XXV |
| 27 | Chapter XXVI |
| 28 | Chapter XXVII |
| 29 | Chapter XXVIII |
| 30 | Chapter XXIX |
| 31 | Chapter XXX |
| 32 | Chapter XXXI |
| 33 | Chapter XXXII |
| 34 | Chapter XXXIII |
| 35 | Chapter XXXIV |
| 36 | Chapter XXXV |
| 37 | Chapter XXXVI |
| 38 | Chapter XXXVII |
| 39 | Chapter XXXVIII |
| 40 | Chapter XXXIX |
| 41 | Chapter XL |
| 42 | Chapter XLI |
| 43 | Chapter XLII |
| 44 | Chapter XLIII |
| 45 | Chapter XLIV |
| 46 | Chapter XLV |
| 47 | Chapter XLVI |
| 48 | Chapter XLVII |
| 49 | Chapter XLVIII |
| 50 | Chapter XLIX |
| 51 | Chapter L |
| 52 | Chapter LI |
| 53 | Chapter LII |
| 54 | Chapter LIII |
| 55 | Chapter LIV |
| 56 | Chapter LV |
| 57 | Chapter LVI |
| 58 | Chapter LVII |
| 59 | Chapter LVIII |
| 60 | Chapter LIX |
| 61 | Chapter LX |
| 62 | Chapter LXI |
| 63 | Chapter LXII |
| 64 | Chapter LXIII |
| 65 | Chapter LXIV |
| 66 | Chapter LXV |
| 67 | Chapter LXVI |
| 68 | Chapter LXVII |
| 69 | Chapter LXVIII |
| 70 | Chapter LXIX |
| 71 | Chapter LXX |
| 72 | Chapter LXXI |
| 73 | Chapter LXXII |
| 74 | Chapter LXXIII |
| 75 | Chapter LXXIV |
| 76 | Chapter LXXV |
| 77 | Chapter LXXVI |
| 78 | Chapter LXXVII |
| 79 | Chapter LXXVIII |
| 80 | Chapter LXXIX |
| 81 | Chapter LXXX |
| 82 | Chapter LXXXI |
| 83 | Chapter LXXXII |
| 84 | Chapter LXXXIII |
| 85 | Chapter LXXXIV |
| 86 | Chapter LXXXV |
| 87 | Chapter LXXXVI |
| 88 | Chapter LXXXVII |
| 89 | Chapter LXXXVIII |
| 90 | Chapter LXXXIX |
| 91 | Chapter LXXXX |
| 92 | Chapter LXXXXI |
| 93 | Chapter LXXXXII |
| 94 | Chapter LXXXXIII |
| 95 | Chapter LXXXXIV |
| 96 | Chapter LXXXXV |
| 97 | Chapter LXXXXVI |
| 98 | Chapter LXXXXVII |
| 99 | Chapter LXXXXVIII |
| 100 | Chapter LXXXXIX |
| 101 | Chapter LXXXXX |

INDICE

| | | |
|---------------|--------|----|
| Duas palavras | PAGINA | IX |
| Antelugio | « | XI |

INTRODUCCÃO

| | | |
|-----------------------|--------|----|
| Dedicatoria | PAGINA | 23 |
| A' minha Mãe | « | 26 |
| A' caça ! | « | 27 |
| Ousadia . . . | « | 28 |
| Cégo | « | 29 |
| A pastôra | « | 30 |
| Revivendo . . . | « | 31 |
| Em ruínas . . . | « | 32 |
| A' Tudinha Pires | « | 34 |
| Descuido chinez . . . | « | 36 |
| J*** | « | 38 |

| | | |
|---------------------------|--------|----|
| Tres carros | PAGINA | 39 |
| Ilka | « | 40 |
| O coração | « | 41 |
| Impiedade sem nome ! | « | 42 |
| Carta á D. Stella | « | 44 |
| No tronco de uma figueira | « | 47 |
| Zaira e o sol | « | 48 |
| Deixando o lar . . . | « | 49 |
| Morta risonha | « | 50 |
| Antes de um baile | « | 51 |
| O derradeiro beijo | « | 54 |
| Pallida e triste | « | 55 |
| Villancete | « | 57 |
| Balladilha | « | 59 |
| Olhos amarellos | « | 61 |
| Basta ! | « | 62 |
| A' Beira-mar | « | 63 |
| Sepulchro dos beijos | « | 64 |
| Mania | « | 65 |

TRECHO LYRICO

| | | |
|------------------|--------|----|
| Ouve-me : | PAGINA | 73 |
| Meu casamento | « | 75 |
| Os cysnes | « | 77 |
| Intimo | « | 78 |
| Dolorosa | « | 79 |
| De joelhos . . . | « | 81 |

| | | |
|--------------------------|--------|-----|
| Diva suprema | PAGINA | 82 |
| Em prantos | « | 85 |
| Toda de branco | « | 87 |
| N'uma sala | « | 88 |
| A ti | « | 89 |
| No reverso de um retrato | « | 90 |
| Matinal | « | 91 |
| Saibam-n'os todos ! | « | 93 |
| Hontem e hoje | « | 94 |
| Eu e Tu | « | 95 |
| Maldicto relógio ! | « | 98 |
| Festas | « | 99 |
| Queixas | « | 100 |
| Extrema verba | « | 103 |
| Mão primorosa | « | 107 |
| Suprema ventura | « | 109 |
| Bandolimnata | « | 111 |
| Sacrilegos ! | « | 113 |
| Dentro da Magua | « | 115 |
| Aquella bocca | « | 117 |
| Invejosos | « | 118 |
| Juntos, emfim! | « | 119 |
| No seu leque | « | 120 |
| Esperando Maio | « | 121 |

VARIÇÕES

| | | |
|----------------------|--------|-----|
| Monologo de um louco | PAGINA | 129 |
| Sonhando . . . | « | 133 |

| | PAGINA | |
|------------------------------|--------|-----|
| Fragmentos — I a IX | | 134 |
| N'um espartilho | « | 143 |
| Céo aberto . . . | « | 144 |
| Quadro rustico | « | 146 |
| A' uma mulher | « | 148 |
| No Paraiso . . | « | 150 |
| Beijos do inferno | « | 152 |
| Dois desejos | « | 153 |
| Vendo-a passar . . . | « | 155 |
| A louca | « | 159 |
| Never! | « | 162 |
| Lagrima inutil | « | 163 |
| Através do passado | « | 164 |
| Metamorphose | « | 167 |
| Sensualismo indomavel | « | 169 |
| Remember | « | 172 |
| No archivo de um bohemio | « | 175 |
| Passaro viuvo | « | 177 |
| Prova unica | « | 179 |
| Lembras-te? | « | 180 |
| Para o céo | « | 183 |
| Sonho selvagem | « | 185 |
| Depois do theatro | « | 187 |
| Tiradentes | « | 190 |
| Nupcias no tumulo | « | 192 |
| No enterro de um orphãosinho | « | 199 |
| Beijos . . . flôres . . . | « | 201 |
| «Errata» | « | 203 |